



BIRRE MEDICAL CLINIC

CLÍNICA DE CASCAIS

Diretor Clínico
Dr. Olívio Dias
Médico Dentista (OMD 6480)
Certidão Reg. nº E127771
ERS nº 10355/2015
NIF nº 502561416

- Bloco operatório de ambulatório
- Medicina Dentária

- Implantologia
- Correção dos dentes
- Cirurgia plástica
- Facetas Dentárias

Nº Verde: 800 200 058

R. Pedro Franco, 238 - 2750-262 Cascais
(Junto à rotunda de Birre)
Tel. 214 860 306
(Rede Fixa Nacional)
www.clinicamedicasoliviodias.pt
Email: cascais@clinicamedicasoliviodias.com



"O Desporto é uma
ferramenta educativa"

- António Ramalho



Amadora
tem Clube
de Tiro
Desportivo



SERRALHARIA
AMARAL

aluminios| pvc

25 ANOS
1999-2023

- Caixilharia de alumínio e pvc
- Todo tipo de estores interiores e exteriores
- Cortinas de vidro
- Toldos



Telefone: 219 134 628 www.serralhariaamaral.com
Av. Infante Dom Henrique, 173 Belas | Fax: 210 935 162 | geral@serralhariaamaral.com



A FUNERÁRIA
SÃO JOÃO DAS LAMPAS
de Quintino e Morais

35 Anos de Serviço com Competência
e Honestidade

www.funerariaquintinoemoraais.pt



ATENDIMENTO PERMANENTE

24 219 618 594 - 965 657 671

MEM MARTINS . MUCIFAL . SJ LAMPAS . SINTRA . TERRUGEM

SEDE
Rua da Oliveira, 1 Aldeia Galega
2705-416 S.João das Lampas
SINTRA

geral@quintinoemoraais.pt

Festas de Paço de Arcos sempre em renovação

As festas de Paço de Arcos, em Honra do Senhor Jesus dos Navegantes, decorreram de 28 de agosto a 6 de setembro, tendo, este ano, celebrado os seus 151 anos.

O ponto alto destas festas é a procissão do Senhor Jesus dos Navegantes, com a componente marítima, em que, a imagem de Jesus é transportado de barco, desde a Marina de Oeiras até à Praia Velha de Paço de Arcos, onde desembarca e segue depois por terra até à igreja.

A presidente da União das Freguesias de Oeiras e S. Julião, Paço de Arcos e Caxias (UFOPAC), Madalena Castro, faz um balanço positivo desta edição das festas, justificando isso com duas razões, por um lado porque a Procissão do Mar, no dia 30 de agosto, contou com mais de 40 embarcações, verificando-se que há cada vez mais

adesão a este evento, do campo religioso.

Por outro lado e no campo cultural, refere a grande presença da população, destacando os dias de sábado e domingo, (dias cinco e seis), sendo o dia cinco o dia em que teve lugar o fogo-de-artifício, “que mereceu comentários muito positivos” e também a atuação do grupo “The Pickles”, com um tributo aos “Beatles”. No domingo à noite destacou-se a atuação da DJ Cláudia Arauz. Para Madalena Castro estas festas são um ponto de encontro para adultos e crianças, podendo ambos terem momentos de lazer, num ambiente que evoca a memória de uma população muito ligada ao mar e em que Patrão Lopes representa o que de mais importante tem essa memória.

A tradicional homenagem a Patrão Lopes, foi este ano realizada da parte

de tarde, o que, segundo a presidente da UFOPAC, terá permitido a participação de um maior número de pessoas.

Correio da Linha – A organização destas festas está a seguir um padrão, ou tem havido alterações ao longo dos anos?

Madalena Castro (MC) – Basicamente a organização é a mesma, mas



nós todos os anos introduzimos algumas alterações no sentido de melhorarmos o funcionamento.

Este ano a distribuição dos elementos da feira foi diferente e os feirantes gostaram, por exemplo, a zona gastronómica passou a estar de frente para o palco e não de costas como era habitual, também houve mais equipamentos para as crianças.

Apelámos às pessoas para exteriorizarem a sua adesão ao programa religioso, de forma diferente e a freguesia disponibilizou colchas para serem nas janelas à passagem da procissão, que foi mais participada e alegre e o percurso noturno foi iluminado com gambiarras.

A feira tem feirantes que não pagam pelo espaço, como as associações da freguesia e da paróquia, assim como temos casos de contributos simbólicos, para pessoas que estão a tentar reconstituir a sua vida com uma nova atividade, face ao desemprego, por exemplo.

CL – Ao falar nos equipamentos das crianças, lembrou-me que ouvi comentários sobre a posição do escorrega, do parque infantil, que por estar virado ao sol aquece e torna pouco agradável a sua utilização, pelo que várias pessoas preconizam que deve ser virado ao contrário, para ter sombra. Tem conhecimento disto?

MC – É a primeira vez que sei disso e não tenho dúvidas de que é pouco agradável para as crianças, nós não temos intervenção nesses espaços, mas obviamente que sinalizamos a situação e vamos transmiti-la.

CL – A União de Freguesias está a tra-



balhar para ter novas instalações, isso concretizar-se-á em breve ou ainda estarão nestas instalações muito tempo?

MC – Espero que não tenhamos que estar aqui muito tempo, pensamos poder lançar o concurso para obras no final deste ano. O projeto está a ser alvo de alterações, por considerarmos que tinha situações que não se adaptavam ao trabalho da Junta, o presidente da Câmara concordou com essas alterações, que segundo os projetistas, deverão estar concluídas em finais de Outubro.

Só depois podemos lançar o concurso, e esperamos ter a obra concluída até ao final do mandato, mas tudo depende da resposta das empresas, e sabemos a dificuldade que têm em segurar os seus trabalhadores. É um objetivo ambicioso, mas é objetivo deste executivo e desta presidente, ter uma nova sede, que será no edifício do antigo quartel dos Bombeiros Voluntários de Oeiras, antes do final do mandato.

Sintra disponibiliza novo serviço

A Câmara Municipal de Sintra disponibiliza o programa gratuito ‘Em Casa, com Segurança’, um serviço de teleassistência destinado a munícipes seniores e/ou com dependência, que garante ajuda imediata no domicílio e reforça a segurança de quem vive sozinho.

O sistema está operacional 24 horas por dia, 365 dias por ano, através de um botão de controlo remoto, usado em bracelete ou colar, e um intercomunicador ligado ao telefone, que permite acionar de imediato a rede de suporte do munícipe ou, quando necessário, os bombeiros, o INEM ou as forças policiais.

O equipamento inclui um sensor de quedas que acciona automaticamente a assistência e garante resposta mesmo quando o munícipe não consegue

activar o botão de pânico. O serviço disponibiliza ainda alertas de medicação, quando solicitados, e conselhos de segurança em situações extremas. Podem candidatar-se ao programa ‘Em Casa, com Segurança’ munícipes seniores e/ou com dependência que vivam sozinhos, permaneçam longos períodos sem acompanhamento, ou cujo rendimento seja igual ou inferior ao salário mínimo nacional.

A adesão ao programa é assegurada mediante o preenchimento de um formulário disponível em <https://cloud.cm-sintra.pt/s/izdgCJtCD4N4m-pm>, sendo que este pode ser submetido presencialmente nos Postos de Atendimento e Espaços Cidadão da Autarquia, ou através da plataforma SintraOnline.

NUCASE
GRUPO



**A preparar o futuro juntos.
Inovação e confiança
para a sua eficiência.**

De pessoas para pessoas.

ESPECIALISTAS EM CONTABILIDADE, FISCALIDADE
E GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS

NUCASE NEGÓCIOS
SOLUÇÕES INOVADORAS PARA UMA GESTÃO SIMPLES E SEGURA

NUCASE CONSULTING
GESTÃO E ACOMPANHAMENTO ESPECIALIZADO. À SUA MEDIDA

ENTRE EM CONTACTO
CONNOSCO

A NOSSA EQUIPA ESTÁ PRONTA PARA O AJUDAR A
ENCONTRAR O APOIO ADEQUADO À SUA NECESSIDADE

☎ 214 585 700 ➤ geral@nucase.pt

nucase.pt

CARCAVELOS + ESTORIL + PAREDE + SINTRA + LISBOA



Amadora distingue 'Empresa Solidária'

A Câmara Municipal da Amadora distinguiu 174 empresas na 10.ª edição da Distinção Municipal 'Empresa Solidária', reconhecendo o contributo do tecido empresarial para a responsabilidade social e para a construção de um concelho mais coeso, inclusivo e sustentável.

Entre as entidades distinguidas esteve o Hospital Lusíadas Amadora, que recebeu o selo "Empresa Solidária" pelo terceiro ano consecutivo, numa distinção que, segundo Luís Gouveia, CEO da unidade hospitalar, representa o reconhecimento de uma relação de proximidade que tem vindo a ser construída com a comunidade local.

"Receber esta distinção pelo terceiro ano consecutivo é, para nós, motivo de grande satisfação, porque reconhece não só o trabalho, mas, sobretudo, a relação que temos vindo a desenvolver, de forma consistente e muito próxima, com a comunidade da Amadora", afirmou Luís Gouveia.

O CEO sublinhou ainda a responsabilidade que uma unidade de saúde assume perante o território onde está inserida. "Um hospital não existe isolado do território onde está inserido. Faz parte dessa comunidade e tem também a responsabilidade de estar próximo das pessoas, conhecer as suas necessidades e contribuir para o seu bem-estar, para além da prestação de cuidados de saúde."

Criada em 2016, a distinção municipal pretende valorizar empresas com sede ou intervenção no concelho que desenvolvem projetos de responsabilidade social em parceria com entidades locais. Na edição deste ano, foram reconhecidas iniciativas realizadas ao longo de 2025, através da atribuição do Selo e do Diploma Distintivo "Empresa Solidária".

No caso do Hospital Lusíadas Amadora, a intervenção junto da co-

munidade tem passado por áreas como a prevenção e literacia em saúde, educação, promoção de estilos de vida saudáveis e apoio a instituições locais. Entre as iniciativas desenvolvidas encontram-se rastreios e workshops, ações junto das escolas sobre saúde mental, nutrição e sexualidade na adolescência, bem como atividades de promoção da atividade física e de estilos de vida mais saudáveis.

Para Luís Gouveia, estas ações permitem aproximar o conhecimento e a prevenção das pessoas, contribuindo para uma participação mais ativa na gestão da própria saúde. "A saúde começa muito antes de chegarmos a um hospital. Começa na prevenção, na informação e na capacidade de cada pessoa tomar decisões mais conscientes sobre a sua saúde", salientou.

Esta visão está também associada à aposta da Lusíadas Saúde na chamada Medicina 3.0, orientada para a antecipação e prevenção da doença e para um acompanhamento mais personalizado e contínuo.

O responsável considera que a proximidade com as entidades locais é essencial para que estas iniciativas tenham um impacto efetivo. "É também esse o papel de um hospital enquanto parceiro da comunidade: colocar o conhecimento dos seus profissionais ao serviço das pessoas e trabalhar em

conjunto com as entidades locais, que conhecem de perto o território e as suas necessidades."

Para o futuro, o Hospital Lusíadas Amadora pretende aprofundar esta relação com a comunidade e reforçar a intervenção nas áreas da prevenção, literacia em saúde e promoção de estilos de vida saudáveis. "Queremos continuar a aprofundar a relação que temos vindo a construir com a comunidade da Amadora e torná-la cada vez mais relevante para as pessoas", afirmou Luís Gouveia.

A estratégia passa também por reforçar a ligação às escolas e instituições locais e por continuar a desenvolver iniciativas que promovam uma participação mais ativa da população na gestão da sua saúde. Paralelamente, o hospital pretende consolidar uma abordagem centrada na antecipação e prevenção da doença, procurando "não apenas tratar a doença quando ela surge, mas antecipá-la, preveni-la e acompanhar cada pessoa de forma personalizada e contínua".



EXTRACTO PARA PUBLICAÇÃO

Ana Carla Delgado Aguilar, Notária com Cartório Notarial em Oeiras, na Avenida General Norton de Matos, nº 63 B, Miraflres, Algés, CERTIFICA, nos termos e para os efeitos do previsto no nº.1, do artº.100, do Código do Notariado:-

Que, por escritura celebrada neste cartório, no dia quinze de junho de dois mil e vinte e seis, a folhas quarenta e um, do Livro de Notas número duzentos e vinte e cinco, ROBERTO OSVALDO DELGADO ANDRADE, NIF 239684400, natural de Cabo Verde, de dupla nacionalidade portuguesa e cabo-verdiana, casado com Maria de Fátima Lima Andrade sob o regime da comunhão de bens adquiridos, residente na Rua do Mirante, nº 19, 2º A, Pendão Queluz, Sintra, declarou-se dono e legítimo possuidor do prédio urbano – parcela de terreno, sem capacidade construtiva – non aedificandi – com a área de dois mil metros quadrados, sito na Estrada das Águas Livres, Mina de Água, concelho de Amadora, inscrito na matriz da freguesia de Mina de Água sob o artigo 51541, a confrontar do Norte com Antonieta Maria Raposo, do Sul com Quinta dos Anjos, do Nascente com Estrada das Aguas Livres e do Poente com Manuel dos Anjos Lopes, prédio esse que se encontra omissso na Conservatória do Registo Predial da Amadora e que possui em nome próprio desde o ano de dois mil e dois, então ainda no estado civil de solteiro, maior, tendo procedido à sua vedação e instalado nele uma estrutura amovível onde montou a sua oficina automóvel, utilizado o mesmo para estacionamento de veículos automóveis destinados a serem reparados por ele justificante, que faz de forma pública e notória, desde o referido ano de dois mil e dois, recebendo automóveis e clientes e aí exercendo a sua profissão. -----

Que, no decurso de todo este lapso de tempo, a posse do referido terreno sempre foi exercida em nome próprio, com a consciência de que nunca estar a prejudicar direitos alheios, à vista e com o conhecimento de toda a gente e sem a menor interrupção ou oposição de quem quer que fosse. -----

Que esta posse de boa fé, contínua, pacífica e pública, conduziu à aquisição do direito de propriedade do mencionado prédio por usucapião.-----

Miraflres, um de setembro de dois mil e vinte e seis.-----

A Notária com Cartório Notarial em Oeiras, na Avenida General Norton de Matos, 63 B, Miraflres, Algés. -----

(Ana Carla Delgado Aguilar)
Reg. nº 3

CL-Setembro-2026

USC QAL
UNIVERSIDADE SÉNIOR
DE CARNAXIDE E QUEIJAS
APRENDIZAGEM E LAZER

INÍCIO DAS INSCRIÇÕES
ANO LETIVO 26/27
14 DE SETEMBRO DE 2026

SOMOS UMA ESCOLA COM A MISSÃO
DE PROMOVER O ENVELHECIMENTO
ATIVO E SAUDÁVEL DA POPULAÇÃO
MAIOR DE 50 ANOS

uscqal@ufcg.pt | Rua Casário Verde Edifício Centro Cívico 2790-047 Carnaxide | 214 173 090

Viveiros são perigo ainda sem solução

A situação não é nova. Já a tínhamos reportado em 2020. Como ainda não foi implementada uma solução, agravou-se. Mais de uma dezena de antigos viveiros de marisco existentes nas imediações do Cabo Raso, junto à Estrada Nacional 247, que liga a vila de Cascais à praia do Guincho, está em avançado estado de ruína e ameaça colapsar. Em alguns casos, as estruturas não resistiram à força do mar e a décadas de abandono e já desabaram. A falta de medidas para vedar o acesso às instalações em ruínas, ao interior das quais se consegue aceder facilmente, potencia o risco de ocorrerem acidentes. Um turista mais incauto arrisca cair num dos poços existentes dentro destes antigos viveiros. Ferros retorcidos e detritos das construções em colapso também podem ser armadilhas para os mais distraídos.

Localizados em zona de domínio público marítimo, na orla costeira, junto ao Farol do Cabo Raso, instalado no Forte de São Brás de Sanxete, os antigos viveiros de marisco foram construídos com o objectivo de criar e engordar crustáceos destinados aos mercados de exportação e também a fornecer os restaurantes da região, muitos dos quais possuíam as suas próprias concessões para o efeito, dotadas de sistemas de circulação de água abertos. Em grande actividade, sobretudo entre os anos 1950 e 1970, os viveiros de marisco do Cabo Raso acabaram por ser gradualmente abandonados, trocados por sistemas mais modernos e eficazes instalados, em alguns casos, dentro dos edifícios dos próprios restaurantes.

Actualmente, o único viveiro ainda a operar na zona do Cabo Raso pertence à empresa Pesca Verde, constituída em 1999, que exporta para o estrangeiro

grande parte dos crustáceos ali engordados, provenientes de capturas realizadas nas águas da nossa costa. China, Estados Unidos da América, Europa e Angola são alguns dos mercados para onde são enviados os produtos que transacciona. Apesar de manter actividade económica relevante no concelho, o acesso às instalações desta empresa sediada em Cascais, que possui uma concessão para operar na região, mantém-se bastante rudimentar, através de uma via improvisada, em terra batida, irregular, que durante o Inverno fica transformada numa faixa estreita e esburacada que dificulta a acessibilidade ao local.

Em Dezembro de 2023, quando entrevistámos o capitão-de-fragata José Manuel Marques Coelho, à data recém-empossado Capitão do Porto de Cascais, função acumulada com o cargo de Comandante da Polícia Marítima local, questionado sobre a situação de abandono e elevado estado de degradação, geradora de insegurança, dos antigos viveiros de marisco, obtivemos como resposta: “É uma das áreas em que vamos ter de intervir. Já fiz um reconhecimento. São estruturas abandonadas, que importa requalificar, ou então demolir por completo.” Volvidos três anos, acentuou-se ainda mais o estado de abandono das estruturas que albergam os antigos viveiros, cuja solução é aguardada há décadas. E aumentou também o perigo.

PASSIVO AMBIENTAL COM VÁRIAS DÉCADAS

Questionados os serviços da Câmara Municipal de Cascais (CMC) sobre a situação de acelerada degradação que fragiliza as estruturas que serviram

de instalação aos antigos viveiros de marisco, obtivemos os seguintes esclarecimentos:

Jornal ‘O Correio da Linha’ (CL) - Dentro dos atributos da CMC, está previsto algum tipo de intervenção nos antigos viveiros de marisco, no sentido de reduzir e/ou prevenir o potencial risco de acidentes que possam ocorrer nestas estruturas, degradadas e abandonadas há décadas, que ameaçam ruir, sendo que algumas já colapsaram?

CMC - Estes antigos viveiros de marisco, construí-



dos nas décadas de 1950 e 1960, encontram-se actualmente desactivados e degradados, constituindo um passivo ambiental com várias décadas. A intenção do Município é eliminar progressivamente estas estruturas, contribuindo para a recuperação e valorização da orla costeira e para a melhoria das condições de segurança.

O Município de Cascais tem em curso o Plano de Gestão da Orla Costeira (PGOC), cuja primeira fase já foi executada e que prevê, entre outras intervenções, a remoção das estruturas devolutas existentes na área compreendida entre o Guincho e o Farol de Santa Marta.

Existe, contudo, uma excepção: o Município pretende preservar e recuperar uma das estruturas junto ao Cabo Raso, transformando-a num observatório de aves marinhas, valorizando o património natural da zona e criando um espaço de interesse ambiental e educativo.

CL - Em que consistiu a primeira fase do PGOC?

CMC - A primeira fase do PGOC incluiu a remoção de plantas invasoras exóticas, a plantação de flora nativa e o controlo de acessos, uma medida particularmente importante para reduzir a degradação da vegetação e contribuir para a contenção dos processos erosivos.

CL - Para quando está prevista a remoção das estruturas devolutas existentes na área compreendida entre o Guincho e o Farol de Santa Marta?

CMC - A remoção das estruturas devolutas está prevista para uma fase posterior.

CL - Seria possível identificar qual é a estrutura que o Município pretende preservar e recuperar para transformar

num observatório de aves marinhas?

CMC - A estrutura que o Município pretende preservar e recuperar localiza-se em frente ao Farol do Cabo Raso, numa zona onde é habitualmente realizada a observação de aves pelágicas. Está prevista uma intervenção simples, de reutilização da estrutura existente, que permitirá melhorar as condições de segurança e conforto dos observadores e promover a educação e sensibilização ambiental, através de informação alusiva a este tipo particular de aves.

Outras estruturas que estejam no Programa da Orla Costeira Alcobaca-Cabo Espichel (POC-ACE) serão igualmente avaliadas quanto à sua recuperação.

CL - A situação de degradação dos antigos viveiros tem vindo a ser acompanhada pela Autarquia, atendendo a que se trata de uma zona muito frequentada por visitantes/turistas que passeiam junto ao Cabo Raso?

CMC - Sim. O Município acompanha a situação e, no que respeita especificamente à segurança, o Serviço Municipal de Protecção Civil tem assegurado a colocação de sinalética informativa nas zonas identificadas como críticas, alertando os visitantes para os riscos associados à presença destas estruturas.

SINALIZAÇÃO SIM, MAS...

CL - Estivemos recentemente na zona a recolher material fotográfico e não identificámos qualquer sinalética de segurança relativa aos antigos viveiros. Seria possível obter mais informações sobre essa sinalética?

CMC - A sinalização existente não é específica para os antigos viveiros, mas está relacionada com o risco associado à circulação de pessoas fora dos percur-



PRÉ-IMPRESSÃO IMPRESSÃO OFFSET / DIGITAL ACABAMENTO

Parque Industrial Alto da Bela Vista

Pavilhão 50 | Sulim Park

2735-192 Agualva-Cacém

Tel. 21 917 10 88/89/90 | Fax 21 917 10 04

Departamento Comercial clientes@mx3ag.com

Pré-impressão mx3agnovo@gmail.com

MX3
artes gráficas, lda.



sos e junto às arribas. A zona está integrada no Parque Natural de Sintra-Cascais e na Rede Natura 2000, estando a circulação de pessoas condicionada. O Município tem assegurado a sinalização das zonas identificadas como críticas, alertando para os riscos associados. Infelizmente, verifica-se que a curiosidade leva alguns visitantes a correr riscos e a aproximar-se das arribas, onde o risco é particularmente elevado.



CL - A Câmara Municipal de Cascais já contactou alguma outra instituição no sentido de acautelar/reduzir este potencial risco?

CMC - Estas intervenções na orla costeira estão enquadradas no POC-ACE e são desenvolvidas em articulação com a Agência Portuguesa do Ambiente e o Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas.

As estruturas estão associadas a antigas concessões e encontram-se em área de responsabilidade do Estado, não tendo o Município responsabilidade directa pela sua gestão. A entidade responsável pela gestão destas concessões é a Direção-Geral de Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos (DGRM), não existindo actualmente indicação de que esteja prevista a sua reactivação ou a atribuição de novas licenças. Actualmente, apenas se mantém um viveiro activo junto ao Farol do Cabo Raso.

Contudo, o Município está a desenvolver esforços para captar financiamento que permita avançar para a segunda fase do PGOC, regularizar os acessos e, dessa forma, melhorar as condições de segurança.

CL - Quais são as fontes de financiamento a que a CMC está a recorrer para obter verbas que permitam avançar para a segunda fase do PGOC?

CMC - O Município tem actualmente em preparação uma candidatura ao Lisboa 2030, com um investimento previsto de 2,5 milhões de euros, que permitirá avançar com a segunda fase do PGOC.

**REQUALIFICAÇÃO
OU DEMOLIÇÃO**

O jornal 'O Correio da Linha' contactou, também, a Capitania do Porto de Cascais, sobre a situação dos antigos viveiros de marisco do Cabo Raso, tendo obtido as seguintes explicações: "A situação tem vindo a ser acompanhada pela Capitania do Porto de Cascais, Câmara Municipal de Cascais e

Administração da Região Hidrográfica do Tejo e Oeste (ARH-TO), no âmbito das respectivas competências, designadamente quanto ao estado de conservação das estruturas, ao enquadramento dominial e às condições de segurança do local.

Trata-se de uma situação com alguma complexidade, atendendo ao enquadramento decorrente do POC-ACE, ao regime do domínio público marítimo e ao processo de transferência de competências para os municípios. Acresce que existe pelo menos um processo ainda dependente da confirmação da delimitação do domínio público marítimo naquela área.

A Capitania tem acompanhado o assunto junto das restantes entidades e já reuniu com a ARH-TO especificamente sobre esta matéria. A definição de uma solução para o futuro destas estruturas pressupõe a continuação da articulação entre as entidades competentes, incluindo o Município de Cascais, podendo passar, em função do enquadramento aplicável e das soluções que venham a ser desenvolvidas, pela sua requalificação ou demolição."

**AINDA NÃO EXISTE
CALENDÁRIO DEFINIDO**

A Capitania do Porto de Cascais informa que, "neste momento, não existe um calendário definido para uma intervenção definitiva", adiantando que se "mantém o acompanhamento das condições de segurança do local pela Câmara Municipal de Cascais, ARH-TO e Capitania do Porto."

Adianta ainda a Capitania que, "caso seja identificado um agravamento do risco que o justifique, serão adoptadas, no âmbito das competências de cada entidade, as medidas de segurança consideradas necessárias, incluindo eventuais interdições, sinalização ou outras intervenções adequadas".

Texto e Fotos: Luís Curado

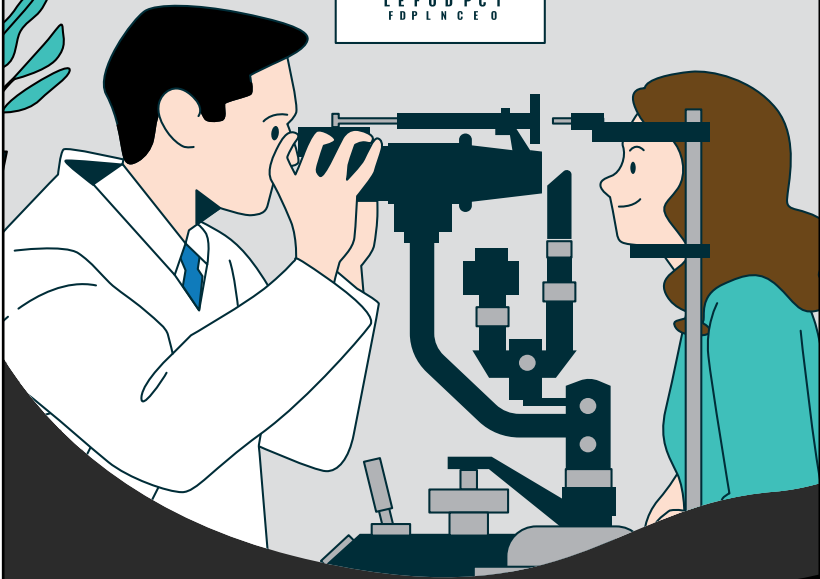


Ofetalopticas

A olhar o futuro.

**Como está
a saúde dos seus OLHOS?**

FAÇA UM CHECKUP VISUAL



optivisão®

Allianz

MULTICARE

AdvanceCare

VICTORIA

SAMS

medis

Future healthcare

MEDICARE

GENERALI

ADM

oobe



OEIRAS VILA
Rua João Teixeira Simões, 3
T. +351 214 425 100

OEIRAS FÓRUM
Rua Dr. José da Cunha, 33 B
T. +351 214 415 916

MOINHO DAS ANTAS
Av. Dr. Francisco Sá Carneiro, 5-A
T. +351 214 427 944

PAÇO DE ARCOS
Rua Costa Pinto, 95-97
T. +351 214 422 717

Oeiras entrega material escolar

No âmbito do Programa de Responsabilidade Social da Câmara Municipal de Oeiras “Community Valley” (antes designado Oeiras Solidária), em que participam 19 empresas do Concelho, foram entregues a crianças, no dia quatro de setembro, numa cerimónia realizada no Palácio Marquês de Pombal, mochilas com ma-



terial escolar. O presidente da Câmara, Isaltino Morais, no uso da palavra, começou por dizer que o objetivo desta iniciativa é dar às crianças condições para que, ao nível da educação, não haja para ninguém, desigualdade nas oportunidades. Referiu-se a esta cerimónia como “muito bonita e significativa” porque se estão a ajudar 535 crianças, 164 do primeiro ciclo e 371 que frequentam os centros de apoio ao estudo. Enalteceu o papel das empresas que participam neste programa. Além da distribuição das mochilas, faz parte deste programa a entrega de 33 computadores e o apoio a instituições. Esta cerimónia iniciou-se com a atuação de duas vencedoras do programa, Crianças ao Palco, Beatriz e Mafalda, seguindo-se a entrega das mochilas a crianças das diversas freguesias e ligadas a instituições.

CARTÓRIO NOTARIAL EM PENALVA DO CASTELO



NOTÁRIA JOANA AMARAL

NOTARIADO PORTUGUÊS

Cartório Notarial de Penalva do Castelo

-----Joana Alexandra Trindade Amaral, Notária, certifica, para efeitos de publicação, que no dia três de setembro corrente, no meu Cartório, foi outorgada uma escritura de **Justificação**, exarada com início a folhas **dezasseis** do Livro de notas número “**Cento e Setenta- A**”, na qual foram justificantes, **ACÁCIO DE JESUS MAGALHÃES** e mulher **MARIA ADÉLIA RODRIGUES SOARES MAGALHÃES**, casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais, ele da freguesia de Ranhados, concelho de Meda, ela da freguesia de Alcaface, concelho de Mangualde, residentes na Praceta do Parque Infantil, n.º 2, rés do chão direito, Urbanização Vilabeira, Repesas, Viseu, os quais declararam: Que são donos e legítimos possuidores com exclusão de outrem, do automóvel ligeiro de passageiros com a matrícula 09-75-XU marca Opel, modelo Corsa-C, com o número de quadro W0L0XCF6844421904, sendo este veículo propriedade dele Acácio de Jesus Magalhães, conforme apresentação noventa e dois de seis de junho de dois mil e cinco. Que sobre este veículo encontra-se registada uma hipoteca a favor da sociedade GMAC INSTITUIÇÃO FINANCEIRA DE CRÉDITO SA, com última residência conhecida na Rua Dr. António Loureiro Borges, n.ºs 9 e 9-A, piso 2, Miraflores, 1495-131 Algés, pela apresentação noventa e três de seis de junho de dois mil e cinco, para garantia da quantia de sete mil quatrocentos e oitenta e cinco euros e doze centimos, sociedade esta que os justificantes também ignoram se já se encontra extinta ou não, ou se se encontra em funcionamento ou qual a sua atual sede social. Que tal hipoteca já se encontra cancelada, uma vez que procederam nesse mesmo ano de dois mil e cinco, ao seu pagamento integral, muito embora nunca tivesse procedido ao seu cancelamento junto da Conservatória do Registo Automóvel por não terem título bastante. Que, apesar de todas as diligências efetuadas, não foi possível localizar aquele credor, tendo-se então procedido à sua notificação nos termos do artigo 99.º do código do notariado, não tendo sido deduzida qualquer oposição. Que adquiriram a posse do mencionado bem, há mais de dez anos, no ano de dois mil e cinco, estando efetivamente registada a propriedade em seu nome desde essa data e tendo procedido no final desse ano ao pagamento integral da respetiva dívida que deu lugar à mencionada hipoteca, muito embora não sejam detentores de qualquer título formal para que procedam ao seu cancelamento. Que desde então sempre o têm usufruído, procedendo à sua manutenção e conservação, gozando todas as utilidades por ele proporcionadas, com ânimo de quem exerce direito próprio, fazendo-o de boa-fé por ignorar lesar direito alheio, pacificamente porque sem violência, contínua e publicamente, à vista de eventuais interessados e de toda a gente e sem oposição de ninguém, sendo reconhecidos como seus donos por todos. Que dadas as características de tal posse, adquiriram a propriedade do referido bem por **USUCAPIÃO**, não se justificando assim a manutenção de tal hipoteca. -----

-----Está conforme. Penalva do Castelo, Cartório Notarial, aos três de setembro de dois mil e vinte e seis.-----

A Notária,
(Joana Alexandra Trindade Amaral)

Conta registada sob o n.º 18

Emitido recibo.

CL-Setembro-2026

MUNICÍPIO DE SINTRA

ANÚNCIO

ALTERAÇÃO AO ALVARÁ DE LOTEAMENTO N.º 9 / 2004

Maria de Jesus Machado, Diretora do Departamento de Gestão do Território da Câmara Municipal de Sintra, por subdelegação de competências (Despacho n.º 01-DM-PGT/2026, de 06 de abril), torna público que se encontra a tramitar nesta Câmara Municipal (Departamento de Gestão do Território) uma alteração da licença da operação de loteamento com registo processo P2231/2026, para alteração ao Alvará de Loteamento n.º 9 / 2004, sito Avenida Torcato Pardal Monteiro, lote 8, fração A, r/chão, em Pêro Pinheiro, União de Freguesias Pêro Pinheiro, Montelavar, nos termos, do disposto no artigo 27.º conjugado com o 22.º do Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de dezembro, com as alterações vigentes, ao abrigo, do disposto na alínea e) do n.º 1 do art.º 112.º do CPA e artigo 13.º do Regulamento Municipal de Urbanização e Edificação de Sintra (Aviso n.º 15347/2025/2 publicado em Diário da República, 2.ª série, N.º 117, 20 de junho de 2025), pelo que, se procede à abertura do período de discussão pública e notificação dos proprietários dos lotes constantes do referido alvará de loteamento, para que todos os interessados se possam pronunciar, no prazo de 30 (trinta) dias, contados a partir do dia seguinte à publicação do presente aviso no Diário da República. Na falta de resposta, no prazo referido, considerar-se-á que nada têm a opor à alteração da licença da operação de loteamento.

Os interessados poderão consultar a alteração da licença da operação de loteamento, informação técnica elaborada pelos serviços municipais, assim como, os pareceres, autorizações ou aprovações emitidos pelas entidades exteriores ao município, documentos que fazem parte integrante do processo de loteamento, no sítio de Internet da Câmara Municipal de Sintra (www.cm-sintra.pt) e no Departamento de Gestão do Território, Divisão de Licenciamento de Operações de Loteamento, sito na Praça Dom Afonso Henriques, na Portela de Sintra, após a publicação em Diário da República, podendo ser elaboradas sugestões, observações e reclamações em requerimento dirigido ao Presidente da Câmara Municipal de Sintra, a remeter ao Departamento de Atendimento e Desenvolvimento Organizacional ou através do endereço eletrónico: municipio@cm-sintra.pt.

Sintra, 11 de Setembro de 2026

A Diretora do Departamento de Gestão do Território

Maria de Jesus Machado
Maria de Jesus Machado



COM OS SINTRENSES, SEMPRE

CL-Setembro-2026

AVISO

Marco Almeida, Presidente da Câmara Municipal de Sintra, torna público que, ao abrigo da delegação de competências da Câmara Municipal de Sintra no seu Presidente, constante do n.º 2 do ponto XXI da deliberação da Câmara Municipal de Sintra tomada em 7 de novembro de 2025, sobre a Proposta n.º 1-P/2025, de 3 de novembro de 2025, é submetido a consulta pública, o **Projeto de Revisão do Regulamento de Organização e Funcionamento das Galerias Municipais e dos Espaços de Exposição**, nos termos do artigo 101.º do Código do Procedimento Administrativo, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 4/2015 de 7 de Janeiro, durante o prazo de 30 dias a contar da data da publicação de Aviso em II Série do Diário da República, estando o texto disponível mediante a afixação do Edital n.º 700 / 2026, nos locais de estilo e no sítio eletrónico oficial do município www.cm-sintra.pt.

Qualquer interessado pode apresentar, durante o período de consulta pública, por escrito, sugestões sobre quaisquer questões que possam ser consideradas relevantes no âmbito do presente procedimento, conforme disposto no n.º 2 do citado artigo 101.º do Código do Procedimento Administrativo, endereçadas ao Presidente da Câmara Municipal de Sintra, entregues no Departamento de Atendimento e Qualidade, Praça D. Afonso Henriques, n.º 1 R/C, Portela de Sintra, 2710 SINTRA, através do fax 219238551, ou ainda através do e-mail diu@cm-sintra.pt.

Em todas as comunicações deve ser indicado o procedimento a que mesma se reporta, sob pena de rejeição liminar.

Paços do Município de Sintra, 1 de 9 de 2026

O PRESIDENTE DA CÂMARA

Marco Almeida
(Marco Almeida)



COM OS SINTRENSES, SEMPRE

CL-Setembro-2026

"O Desporto é uma ferramenta educativa"

- António Ramalho

O boxe foi o ponto de partida, mas há muito que a Boxing Spirit by António Ramalho deixou de ser apenas uma escola dedicada à modalidade. Na Outurela, em Oeiras, o projeto transformou o desporto numa ferramenta de inclusão, educação e desenvolvimento pessoal, criando um centro de apoio ao estudo com atividades artísticas, iniciativas de empregabilidade e respostas de apoio social.

O projeto nasceu da experiência pessoal de António Ramalho e da convicção de que, para ajudar verdadeiramente uma criança, não basta ensiná-la a praticar desporto: é preciso acompanhá-la, conhecer as suas dificuldades, criar oportunidades e mostrar-lhe que pode ambicionar mais. Atualmente, cerca de 30 crianças frequentam o centro de apoio ao estudo, que funciona com acompanhamento personalizado e uma equipa profissional. Um novo espaço, recentemente cedido pela Câmara Municipal de Oeiras, permitirá agora ampliar esta intervenção.

O Correio da Linha (CL) - O boxe foi uma presença muito marcante na sua vida. Como é que tudo começou?

António Ramalho (AR) - O boxe é a minha raiz. Foi através do boxe que cresci, que aprendi valores e que me tornei na pessoa que sou hoje. Sempre estive ligado à modalidade e comecei a praticá-la aos 14 anos. Pratiquei durante cerca de 12 anos, fui atleta do Belenenses, fui internacional, participei num Campeonato do Mundo e estive entre os medalhados num torneio de apuramento para os Jogos Olímpicos. Naquela altura, Portugal ainda não tinha condições estruturais e financeiras para proporcionar determinadas oportunidades aos atletas, mas o boxe já tinha mudado a minha vida. Mais tarde, percebi que também podia utilizar aquilo que tinha aprendido através da modalidade para ajudar outras pessoas.

CL - E que influência teve o boxe na forma como se tornou na pessoa que é hoje?

AR - Eu venho de uma família pobre e digo-o com orgulho. Os meus pais eram pobres e morreram pobres, mas deram-me aquilo que para mim foi mais importante: valores. Nunca quisera que eu seguisse caminhos errados e ensinaram-me a distinguir aquilo que

estava certo daquilo que estava errado. Na minha vida apareceram coisas boas e coisas más, como acontece com toda a gente, mas o boxe nunca me deixou cair num buraco. A modalidade agarrou-me, fez-me crescer e deu-me uma estrutura. O boxe obrigou-me a ser muito exigente comigo próprio. Ajudou-me a olhar para as coisas de uma forma diferente.

Eu não faço competição com ninguém enquanto pessoa. A minha competição é comigo. Quero tentar ser melhor naquilo que faço e, sobretudo, quero sentir-me bem com isso.

Aos 19 anos, o meu treinador percebeu isso e colocou-me a treinar outros atletas. Continuei a ser atleta, mas passei também a ser treinador. Foi aí que percebi que podia transmitir aos outros aquilo que o boxe me tinha dado a mim.

DA MODALIDADE À COMUNIDADE

CL - Como é que acabou por trazer esse trabalho para a Outurela?

AR - Eu estava no Belenenses quando houve uma mudança de direção e decidiram retirar o boxe daquele espaço. Alguns dos miúdos que treinavam comigo eram da Outurela e, perante essa situação, fui para a Sociedade da Outurela e montei lá uma escola de boxe. Tivemos resultados muito bons, conquistámos títulos nacionais e internacionais e organizámos torneios importantes.

Certo dia, o vereador da Câmara Municipal de Oeiras, Arnaldo Pereira, disse-me uma coisa que nunca esqueci: que não gostava de boxe, mas reconhecia o trabalho que eu fazia com a comunidade e que iria criar condições para que eu tivesse um espaço próprio. É uma pessoa por quem tenho grande estima. Foi assim que nasceu a possibilidade de termos uma sala de boxe neste pavilhão, o Pavilhão Carlos Queiroz. Eu vinha de uma realidade muito difícil. Estivemos na Sociedade da Outurela cerca de 10 anos: treinávamos numa sala sem condições, sem balneários e com enormes dificuldades. Mas aquele espaço deu-me uma oportunidade e eu nunca me esqueci disso.

CL - Também treinou no bairro de São Marçal...

AR - Sim, enquanto o pavilhão esta-



va a ser construído...e foi aí que comecei a perceber de uma forma muito concreta as dificuldades que algumas daquelas crianças enfrentavam.

Havia miúdos que, por vezes, nem queriam treinar porque tinham fome. Havia falta de alimentos, falta de roupa, falta de apoio e muitas outras dificuldades. Percebi que o desporto era apenas uma parte da realidade daquelas crianças e que, para fazer verdadeiramente a diferença, era preciso olhar também para tudo aquilo que as rodeava e condicionava.

Quando finalmente viemos para este espaço, trouxe comigo aquela realidade. Pensei que não podia simplesmente fechar a porta depois do treino e dizer que a minha responsabilidade terminava ali. Foi dessa inquietação que nasceu a ideia de fazer mais.

EDUCAR PARA A VIDA

CL - Foi dessa experiência que nasceu o centro de apoio ao estudo?

AR - Exatamente. Começámos praticamente do nada. Este espaço, no Pavilhão Carlos Queiroz, é constituído essencialmente por arrecadações e, para além da sala do boxe, não havia propriamente uma sala com condições para desenvolver este tipo de trabalho. Fui então falar com a Câmara Municipal de Oeiras e foi-nos cedida uma dessas arrecadações.

Tive a sorte de encontrar a Cláudia, que é professora e hoje é a nossa coordenadora. Juntos, começámos a organizar o espaço e a dar forma ao centro de apoio



ao estudo. Começámos com quatro mesas, alguns professores que vinham ajudar e poucos recursos. Coloquei também uma manta e uns puffs para que os miúdos pudessem ler, descansar ou simplesmente brincar. Algumas pessoas deram-nos computadores que já não usavam e fomos construindo tudo aos poucos, com aquilo que tínhamos. Entretanto, percebemos que havia outra necessidade. Os miúdos queriam ficar aqui, mas alguns tinham fome. E aí percebemos que não bastava criar um espaço onde pudessem estudar. Era preciso criar condições para que se sentissem bem, pudessem permanecer aqui e aproveitassem verdadeiramente o tempo. Foi assim que criámos também o refeitório e começámos a juntar o apoio ao estudo, o lanche e o desporto.





O projeto foi crescendo de forma muito gradual. Começamos com 16 crianças e, hoje, acompanhamos 30.

CL – O que o distingue o vosso centro de estudos?

AR – Nós não queremos ser uma escola e também não queremos ser um ATL. Somos um centro de apoio ao estudo personalizado. Aqui, os professores trabalham com pequenos grupos de crianças, quatro ou cinco, permitindo um acompanhamento mais próximo e individualizado. Temos quatro professores profissionais remunerados, uma coordenadora e contamos ainda com o apoio regular de uma professora doutorada em Educação, que dá formação à nossa equipa de forma voluntária. Temos tablets para cada criança, fichas de trabalho e atividades adaptadas às suas necessidades. Se uma criança diz que não tem trabalhos de casa, isso não significa que não tenha nada para fazer. Cada criança tem um tabuleiro com fichas e atividades pensadas especificamente para aquilo que precisa de trabalhar.

Temos também um passaporte de leitura. As crianças escolhem um livro, têm de o ler e, posteriormente, fazem um relatório sobre aquilo que leram. Queremos que aprendam, mas também queremos criar hábitos de estudo, de leitura e de autonomia. O nosso objetivo é que cada criança saia daqui

melhor do que entrou.

CL – E existe uma condição para frequentar o centro: praticar boxe. Porquê?

AR – Porque essa é a essência do projeto. Para mim, o desporto é uma ferramenta educativa. Não é obrigatório que uma criança faça competição ou que queira ser campeã. Mas tem de praticar boxe.

Queremos que percebam que existe uma ligação entre aquilo que fazem na escola e aquilo que fazem no treino. O boxe ensina disciplina, esforço, respeito, capacidade de lidar com a frustração e superação. São valores que depois queremos transportar para os estudos e para a vida.

A própria associação foi criada com essa lógica: utilizar o desporto, e particularmente o boxe, para promover o aproveitamento escolar, o sucesso pessoal e profissional e uma cultura de trabalho, dedicação e superação.

CL – Que crianças procuram este espaço e quem pode frequentá-lo?

AR – Temos crianças desde entre os 7 e os 15 anos, idade com que terminam o 9.º ano. A prioridade é naturalmente para as crianças da comunidade, mas recebemos também crianças de outras zonas do concelho que frequentam as escolas da região e que tenham necessidades que justifiquem este acompanhamento.

Não fazemos distinções. Temos crianças com dificuldades socioeconómicas, mas não só. O que fazemos aqui é olhar para cada criança e perceber aquilo de que ela precisa.

CL – Porque é que o acompanhamento não se estende ao ensino secundário?

AR – Regra geral funcionamos até ao 9.º ano. Mas tivemos uma criança que começou connosco, acompanhámo-la durante anos e conseguiu che-

gar ao 12.º ano, porque eu sou teimoso e fui arranjar professores para a virem ajudar pontualmente.

Agora temos três crianças que passaram para o 10.º ano e eu não quero que elas desapareçam do projeto. Não quero que, porque chegaram ao secundário, deixem de ter apoio.

Ainda estamos a tentar encontrar a melhor solução. Talvez tenhamos de recorrer a professores voluntários, algumas horas por semana, de acordo com as necessidades de cada criança e com a disponibilidade de cada professor.

CL – O apoio não termina quando acabam os trabalhos de casa. Há também uma preocupação com a alimentação e com o acolhimento.

AR – Claro. Uma criança que tem fome não consegue estudar da mesma forma. E uma criança que chega aqui com um problema em casa também não consegue simplesmente sentar-se e começar a fazer uma ficha. Por isso, para nós, acolhimento é uma palavra muito importante. Às vezes basta uma mão no ombro, uma conversa ou alguém que diga “eu estou aqui”. Parece pouco, mas para uma criança pode fazer uma diferença enorme.

A nossa metodologia é muito simples: estudo, amparo, dedicação e acolhimento.

MAIS DO QUE ESTUDAR

CL – E é feita uma articulação com as escolas e com as famílias?

AR – Com as famílias temos vindo a construir uma relação cada vez mais próxima. Hoje, com autorização dos pais, temos acesso às notas e à informação escolar das crianças, o que nos permite perceber melhor as dificuldades e acompanhar a evolução.

Com as escolas, gostávamos de fazer muito mais. Acho que devia existir uma colaboração muito maior. Não percebo por que razão uma escola há de ter receio de colaborar com uma entidade como a nossa. Se uma criança tem dificuldades de aprendizagem, de comportamento, de expressão ou pro-

blemas familiares, a escola e nós devíamos poder conversar e encontrar uma resposta em conjunto. Não queremos substituir a escola. Queremos ajudá-la. Temos tido algumas experiências muito positivas. Há situações em que detetamos dificuldades que não estavam identificadas e conseguimos começar a trabalhar com a criança de uma forma diferente.

CL – Há também uma forte aposta nas artes. Como surgiu essa vertente?

AR – As artes são um complemento aos estudos, e todas as crianças frequentam essas aulas. Temos uma professora de Artes que se apaixonou pelo projeto. É uma pessoa extremamente dedicada e tem uma relação muito especial com as crianças.

Contamos com uma sala de artes onde os miúdos trabalham pintura, desenho, colagens, entre outras coisas. Já fizemos exposições para as famílias e foi muito emocionante ver a reação dos pais. Alguns choraram ao ver o trabalho dos filhos.

E há nisto algo que entusiasma muito: descobrir crianças que têm talento. Se perceber que tenho aqui um miúdo com uma capacidade especial para a pintura, quero ajudá-lo a desenvolver esse talento. Se for preciso encontrar uma escola especializada ou até apoiar financeiramente o percurso dessa criança, estou disposto a fazê-lo. Porque também é isto que significa inclusão: dar oportunidade para que cada criança descubra aquilo que pode ser.

CL – Recentemente foi inaugurado um novo espaço. O que é que essa mudança representa para o projeto?

AR – O espaço onde estamos agora é a nossa raiz. Foi aqui que tudo cresceu. Tenho muito carinho por ele e até tenho pena de um dia o deixar. Mas temos muitas limitações. Não temos uma janela, não temos condições adequadas para lavar um copo, no verão temos de colocar ventoinhas e, no inverno, aquecedores.

O novo espaço, onde esperamos estar em outubro, permite-nos trabalhar com outras condições. É uma casa de madeira, com dois pisos, jardim, casa de banho individual, possibilidade de banho, um pequeno refeitório e uma sala multiusos. Essa sala vai permitir-nos organizar formações para os nossos professores e abrir algumas delas a professores das escolas do concelho. Acredito muito na formação e na importância de estarmos permanentemente a aprender e a atualizar conhecimentos. Um professor também precisa de se preparar para os novos desafios, e estamos a viver mudanças muito rápidas, nomeadamente com a inteligência artificial. É fundamental que os professores estejam preparados para acompanhar essas transformações e responder





às novas necessidades dos alunos.

CL – Esse novo espaço vai permitir-vos crescer e acompanhar mais crianças?

AR – Sim. Vai permitir-nos crescer, nomeadamente receber mais crianças, mas queremos fazê-lo de forma sustentada e consciente.

Já temos hoje um compromisso muito grande com as crianças que acompanhamos e, com um espaço novo, esse compromisso será ainda maior. Sabemos que a Câmara Municipal de Oeiras acreditou no nosso trabalho e nos deu condições para podermos fazer mais e melhor. Não foi um espaço oferecido por simpatia. Foi o resultado de muitos anos de trabalho, dedicação e empenho.

O Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Isaltino Morais, teve a visão de olhar para um espaço que se encontrava completamente degradado e perceber o potencial que ali existia, transformando-o numa mais-valia para as crianças, para a comunidade e para o concelho. Também os vereadores Pedro Patacho e Maria Paula têm tido

um papel muito importante ao longo deste caminho. Por isso, estou profundamente agradecido à autarquia por ter acreditado em mim, no meu trabalho e, sobretudo, neste projeto.

UM PROJETO QUE CRESCE

CL – Outra das áreas que têm vindo a desenvolver é a multimédia....

AR – Começámos quase por brincadeira. Havia alguns miúdos que me ajudavam a filmar e eu pensei: “Porque é que não havemos de ter um canal de televisão?” Conseguimos câmaras e começámos a transmitir os nossos torneios. Chegámos a ter quatro ou cinco câmaras a filmar vários rings em simultâneo e pessoas de vários países a acompanhar as transmissões.

Agora queremos dar um passo maior. No novo espaço vamos criar uma zona própria para podcasts e entrevistas. Já recebemos duas menções de reconhecimento do Instituto Português do Desporto e da Juventude pelo trabalho desenvolvido em temas como o bullying e o extremismo e queremos continuar a trabalhar essas questões.

Queremos entrevistar pais, professores, jornalistas, psicólogos ou outras pessoas que tenham conhecimento para partilhar. A ideia é que os próprios jovens participem e aprendam a comunicar, entrevistar, filmar, editar e produzir conteúdos.

CL – Existe também uma preocupação em preparar os jovens para o futuro profissional?

AR – Sim. Queremos que tenham ferramentas para a vida. Por isso temos também uma área de empregabilidade. Já desenvolvemos uma



academia ligada às telecomunicações com uma empresa de Carnaxide, a Colt, e queremos voltar a fazê-lo.

A ideia é criar academias onde os jovens possam conhecer diferentes áreas profissionais, perceber o que as empresas procuram e começar a preparar-se para o primeiro emprego.

Temos empresas parceiras que nos fazem chegar oportunidades e informação para jovens que procuram trabalho e também procuramos ajudar famílias que estejam numa situação de desemprego.

Não queremos esperar que o jovem chegue aos 18 anos para começar a falar de emprego. É preciso começar antes, mostrando-lhe que existem caminhos diferentes.

CL – Há também uma dimensão internacional no vosso trabalho. Que importância têm essas experiências?

AR – Temos uma parceria com a Impact Trip, através da qual recebemos pessoas de vários países que vêm para Portugal e integram projetos de voluntariado social. Já recebemos americanos, franceses, irlandeses, brasileiros, entre muitas outras nacionalidades. Alguns ficam connosco durante uma semana e ajudam diretamente no acompanhamento dos estudos das crianças. Outros dinamizam atividades mais lúdicas, trazendo jogos e brincadeiras dos seus próprios países e proporcionando aos miúdos uma experiência diferente. Temos também pessoas que chegam através de universidades, com competências e conhecimentos específicos, e que desenvolvem um trabalho mais estruturado connosco. É uma experiência muito enriquecedora, porque existe uma verdadeira troca de conhecimentos.



Também temos desenvolvido projetos Erasmus. Por exemplo, agora vão passar por cá equipas da Roménia, Itália, Lituânia para conhecer o nosso trabalho. Ficam cá cerca de uma semana a perceber a nossa metodologia.

Há uns anos recebemos também professores universitários dos Estados Unidos que queriam perceber como era possível articular escola, desporto e inclusão social através do boxe.

Isso mostra-nos que aquilo que começou de uma forma muito pequena em Outurela pode ter interesse e impacto muito para além da nossa comunidade.

CL – Que papel tem a sua equipa na concretização deste projeto?

AR – Quando comecei o centro de apoio ao estudo, muitas pessoas podiam ter pensado que eu estava a tentar fazer uma coisa para a qual não tinha formação. E é verdade: eu sou um homem do boxe. Não sou pedagogo. Mas eu sabia aquilo que queria. E tive a sorte de encontrar pessoas que sabiam como pôr essas ideias em prática.

Costumo dizer que sou um homem das ideias, mas tenho uma grande equipa que as concretiza. Eu posso dizer “quero fazer isto”, mas depois preciso de professores, coordenadores, técnicos, voluntários e parceiros que acreditem na mesma coisa.

CL – Que importância têm os apoios e as parcerias para a continuidade e o crescimento deste projeto?

AR – Um projeto destes não se faz sozinho. Nós começámos sem apoios. Durante os primeiros dois anos não tivemos apoio de ninguém. Eu compreendo isso porque era preciso provar que aquilo que estávamos a fazer era viável.

Hoje temos parceiros, temos a Câmara Municipal de Oeiras, temos empresas, professores, voluntários e pessoas da comunidade que acreditam em nós.

Também temos o apoio e a colaboração do presidente da União de Freguesias de Carnaxide e Queijas, Inigo Pereira, que tem uma relação próxima connosco. É uma pessoa que nos acompanha, que vem aqui, que liga para saber se precisamos de alguma coisa e que muitas vezes funciona como um verdadeiro “empurrão” para continuarmos. Para mim, isso também é comunidade: haver pessoas que conhecem o nosso trabalho, que aparecem, que perguntam o que é preciso e que ajudam a abrir portas.

CL – Depois de tudo o que foi construído, como define hoje a Boxing Spirit by António Ramalho?

AR – Diria que é um projeto que nasceu do boxe, mas que cresceu para se tornar uma ferramenta de inclusão.

Eu comecei por querer ensinar boxe a crianças. Depois percebi que algumas precisavam de estudar, outras precisavam de comer, outras precisavam de alguém que acreditasse nelas. Depois percebemos que havia crianças com talento para as artes, outras interessadas em multimédia, outras que precisavam de conhecer o mundo do trabalho. E fomos acrescentando respostas.

Não fazemos isto para sermos melhores do que ninguém. Fazemos porque acreditamos que é possível fazer diferente. Eu não quero ser nenhum príncipe e também não quero ser vulgar. Quero apenas que as coisas sejam bem feitas. Enquanto eu estiver aqui, é isso que vou continuar a tentar fazer: dar às crianças aquilo que o boxe me deu a mim — disciplina, confiança, valores, oportunidades e a certeza de que podemos sempre tentar ser melhores.

Texto: Raquel Luís
Fotos: Clube e Jorge Rodrigues



"Cada novo atirador tem de ser um praticante consciente e seguro"

- Eduardo Parreira

Com quase três décadas de história, mais de 800 associados e uma forte aposta na diversidade de modalidades, o Clube Português de Tiro Prático e de Precisão (CPTPP) tem procurado afirmar-se como um dos principais protagonistas do tiro desportivo em Portugal. Da formação à competição, passando pela captação de novos praticantes e pela criação de uma verdadeira comunidade em torno da modalidade, o Clube mantém uma visão dinâmica e aberta, que procura romper com antigos estereótipos e aproximar o tiro desportivo de públicos cada vez

mais diversificados. Em entrevista ao Correio da Linha, Eduardo Parreira, vogal da Direção do Clube, fala sobre a história e evolução do CPTPP, a importância da formação e da segurança, os desafios da modalidade e os objetivos para o futuro.

O Correio da Linha (CL) - Como apresentaria o clube e aquilo que o distingue dentro do panorama do tiro desportivo em Portugal?

Eduardo Parreira (EP) - O Clube Português de Tiro Prático e de Precisão é um Clube que cumprirá 30 anos de existência em 2027. É o segundo maior clube a nível nacional, com mais de 800 associados, o clube com mais associados praticantes de modalidades como o Tiro Dinâmico ou as diversas variantes do Bench Rest. É também o Clube que mais modalidades foi capaz de trazer e implantar no contexto do tiro desportivo português, sendo essa visão inovadora e dinâmica parte fundamental da identidade do Clube e aquilo que o vem distinguindo desde a sua génese. A isto junta-se uma visão aberta e descomplexada do Tiro Desportivo que era, na época da fundação do Clube, algo não tão comum.

CL - Que visão esteve na origem da criação do Clube?

EP - O Clube nasce em 1997 de uma conjugação de ideias e vontades de diferentes pessoas que acabaram por



ser postas em prática muito por iniciativa e pelo esforço do fundador, Augusto Nunes Gomes Condoso, infelizmente já falecido. A ideia fundamental foi de rutura com uma certa cristalização do tiro desportivo, resultante sobretudo de uma noção conservadora do tiro enquanto modalidade circunscrita a grupos e modalidades muito delimitados.

Quando o panorama internacional era já de forte implementação de novas modalidades - o tiro dinâmico, o tiro com armas históricas e outras - por cá insistia-se única e exclusivamente em modalidades no essencial inalteradas há largas décadas - o que por si só não é negativo - não permitindo, contudo, o surgimento e afirmação de novas modalidades. A tudo isto e de forma interrelacionada juntava-se um quadro legal por um lado restritivo e por outro com zonas cinzentas e indefinidas.



À esquerda Hélio Osório vogal de direção, ao centro Eduardo Parreira presidente do Clube, à direita o atleta Francisco Costa.

car essa utilização quotidiana, enquadrando-a, atribuindo-lhe um conjunto de regras e daí desenvolvendo e retirando uma dimensão lúdica e desportiva. Naturalmente que como qualquer prática desportiva a formação é fundamental, mas no caso do tiro desportivo colocam-se questões essenciais como o enquadramento legal da prática e a segurança. Estes são os dois pilares que todo e qualquer novo associado do Clube recebe à chegada através de formação específica, teórica e prática. Ou seja, cada novo atirador desportivo tem de ser um praticante consciente e seguro, sendo isso algo de que não abdicamos e que promovemos até à exaustão, o que depois se traduz numa prática no essencial livre de percalços ou incidentes.

Depois há a formação mais orientada e focada em modalidades concretas, para as quais promovemos aulas individuais e de grupo e também cursos, aqui já com a orientação para o desenvolvimento e aprimoramento técnico dos praticantes. A ideia é dar as bases e o conhecimento técnico para que cada praticante possa depois desenvolver autonomamente o seu potencial e atingir os objetivos desportivos a que se propõe.

CL - O que procuram transmitir a quem chega ao Clube pela primeira vez, para além da componente técnica?

EP - A quem chega ao Clube procuramos sobretudo clarificar e desmistificar o que fazemos e em que consiste o Tiro Desportivo. Ou seja, para além da componente técnica gostamos de pensar que o tiro pode e deve desenvolver competências pessoais e humanas. Desde logo separando claramente a prática desportiva de outras utilizações das armas na vida quotidiana, da caça, da defesa, do colecionismo. São realidades e dimensões muito distintas e que do ponto de vista legal estão claramente delimitadas. Depois transmitir a ideia fundamental de que o tiro desportivo é uma modalidade das poucas em que é possível a prática dos 10 aos 100 anos de idade, em que é possível desenvolver o foco, a concentração e o autoconhecimento, a motricidade fina desenvolver conhecimentos de história, mecânica e sobretudo disfarçar de uma prática desportiva que privilegia a calma e o relaxamento. Nesse aspeto o

ANÚNCIO

Alteração ao Alvará de Loteamento n.º 4/1990

David Alves, Diretor de Departamento de Planeamento e Gestão AUGI da Câmara Municipal de Sintra, por subdelegação de competências do Sr. Diretor Municipal da AUGI (despacho n.º 1-DM-AUGI/2026, de 21 de Abril) torna público que se encontra a tramitar nesta Câmara Municipal (Direção Municipal das AUGI) uma alteração à operação de loteamento com registo processo DPG-DGLA: P1960/2026, em nome de Ionel Corneliu Marin, sito na Avenida de Santa Marta n.º 24 (lote 6), em Casal de Cambra, na Freguesia de Casal de Cambra, Sintra, nos termos do disposto no n.º 7 do artigo 24.º da Lei n.º 91/95, de 2 de setembro, na sua redação atual, conjugado com o n.º 2 do art.º 17.º do Regulamento Municipal para Reversão Urbanística das Áreas Urbanas de Génese Ilegal (Aviso n.º 14574/2016 publicado em Diário da República, 2.ª Série - N.º 223 - 21 de novembro de 2016) e art.º 27.º do RJUE em vigor, ao abrigo do disposto no n.º 1 do art.º 112.º do CPA, pelo que se procede à abertura do período de discussão pública, para que todos os interessados se possam pronunciar, no prazo de 15 (quinze) dias úteis, com início 8 (oito) dias após a publicação do presente anúncio. Na falta de resposta, no prazo referido, considerar-se-á que nada têm a opor à operação de loteamento.

Os interessados poderão consultar os elementos técnicos da operação de loteamento, informação técnica elaborada pelos serviços municipais, assim como, pareceres, autorizações ou aprovações emitidos pelas entidades exteriores ao município, documentos que fazem parte integrante do processo de loteamento, no sítio de Internet da Câmara Municipal de Sintra (www.cm-sintra.pt) e no Departamento de Planeamento e Gestão AUGI, Divisão de Gestão e Licenciamento AUGI, mediante agendamento prévio, sito na Praça Dom Afonso Henriques, na Portela de Sintra, podendo ser elaboradas sugestões, observações e reclamações em requerimento dirigido ao Sr. Presidente da Câmara Municipal de Sintra, a remeter ao Departamento de Atendimento e Desenvolvimento Organizacional, ou através do endereço de correio eletrónico: municipio@cm-sintra.pt.

Sintra, 18 de Setembro de 2026

O Diretor do Departamento de Planeamento e Gestão AUGI,

(Em regime de substituição por subdelegação de competências do Exmo. Senhor Diretor Municipal da AUGI conferidas pelo despacho n.º 1-DM-AUGI/2026, de 21 de abril)

David Alves

CL-Setembro-2026



Tiro Desportivo é, sem dúvida nenhuma, único.

FORMAÇÃO E SEGURANÇA

CL - Que importância têm a segurança e a formação na prática desta modalidade?

EP - Estes são os pilares fundamentais da prática da modalidade. São também as áreas em que os novos atiradores desportivos são testados para serem aceites pelas Federações que tutelam as modalidades do Tiro Desportivo, a Federação Portuguesa de Tiro e a Federação Portuguesa de Tiro com Armas de Caça. Portanto são dimensões absolutamente fundamentais para a prática da modalidade o que na verdade muito nos apraz. O tiro desportivo é uma modalidade muito segura, muito regulada e escrutinada e é assim que deve ser.

CL - Que modalidades de tiro podem ser praticadas no CPTPP? Como ajudam os praticantes a descobrir o que se adequa melhor a si?

EP - No CPTPP estamos abertos a todas as modalidades e, portanto, um associado ou associada do CPTPP pode praticar qualquer modalidade de tiro para a qual esteja desportivamente habilitado. É preciso perceber que o sistema português é um sistema progressivo, em que se começa com modalidades menos exigentes tecnicamente e com armas de potencia mais reduzida e se vai evoluindo ao longo do tempo e prestando provas e fazendo formação específica até se poder praticar modali-

dades mais exigentes. É disso exemplo o tiro dinâmico, o IPSC, em que só após 4 anos de prática regular e a frequência de um curso específico com aprovação em exame, pode a modalidade ser praticada. Posto isto, o Clube incentiva e disponibiliza formação específica para a prática destas modalidades - o MLAIC, o tiro com armas históricas é outro exemplo. Cada novo praticante é desde cedo - logo na formação inicial - incentivado e desafiado a pensar e experimentar as várias possibilidades de prática. Isso faz-se disponibilizando diferentes tipos de armas na fase de formação prática e passando em revista as diversas modalidades existentes, os prós e contras de cada uma delas, conjugando tudo com a vontade manifesta de cada indivíduo. Não poucas vezes as pessoas chegam com uma ideia e saem da formação inicial com outra.

CL - Qual o perfil de quem pratica a modalidade?

EP - O perfil que gostaríamos de ter a praticar a modalidade seriam muitos jovens. Praticantes do sexo feminino em número significativo é algo que também gostaríamos de ver crescer. É com satisfação que vemos cada vez mais mulheres a praticar a modalidade, até porque o estereótipo de que o tiro e as armas são um exclusivo masculino é algo que importa afastar de uma vez por todas. Os jovens porque é muito mais fácil apropriar técnicas e desenvolver competências numa fase mais jovem da vida. Infelizmente o tiro desportivo é uma modalidade que obriga a algum investimento financeiro

o que de certa forma afasta muitos jovens, sobretudo aqueles que não têm qualquer relação familiar com a modalidade. A isto soma-se não poucas vezes a oposição dos pais.

No universo de mais de 800 praticantes associados do CPTPP, pese embora haja muita diversidade do ponto de vista profissional, da formação académica de base e até de distribuição geográfica pelo país, o uni-



verso é essencialmente masculino, com idades predominantemente acima dos 30 anos.

CL - Onde decorrem os treinos e que importância têm estes espaços para o desenvolvimento da atividade?

EP - Na zona da grande Lisboa os treinos decorrem essencialmente na única estrutura existente para o efeito, a Carreira de Tiro do Complexo Desportivo Nacional do Jamor. Trata-se de uma estrutura tutelada pelo Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ) e da qual se socorrem os Clubes. Além disso, o Clube estabeleceu um protocolo ativo com o Centro de Tropas Comando, o que lhe tem permitido o uso das carreiras de tiro desta unidade militar para o desenvolvimento de treinos e provas. O Clube tem ainda utilizado as carreiras de tiro da Unidade Especial de Polícia da PSP para o mesmo fim. A este nível, é de referir a falta de infraestruturas que permitam alargar a prática da modalidade.

CL - Com que apoios contam para o funcionamento e crescimento do Clube?

EP - O Clube vive essencialmente das quotas pagas pelos seus associados e dos proveitos decorrentes dos eventos desportivos que promove. Pontualmente o Clube já recebeu apoios da Federação Portuguesa de Tiro e também da Câmara Municipal da Amadora, município onde estamos sedeados.

CL - Em que provas se encontram a participar e quais os futuros eventos?

EP - O Clube tem atletas em praticamente todas as modalidades do circuito competitivo anual. No dia 10 de outubro realizar-se-á o Torneio CPTPP Cacicamba, o maior evento de tiro nacional com armas de produção, que reúne mais de 2 centenas de atletas em prova. Em novembro e se tudo correr como esperamos, desenvolveremos uma prova de uma nova modalidade. Contamos ter nessa altura algo para partilhar e celebrar.

O FUTURO DA MODALIDADE

CL - Promovem também momentos de

convívio entre os associados. Que importância têm estes momentos?

EP - O tiro é uma modalidade essencialmente individual. Um dos desafios é não deixar que se torne numa modalidade individualista. Para isso é preciso criar uma relação afetiva entre os associados e o Clube e isso só é possível com o desenvolvimento de espaços e momentos de partilha. A importância é essa e é fundamental e é também o que nos torna diferentes.

CL - Que resultados gostariam de alcançar nos próximos anos? Há novas modalidades, projetos ou formas de levar o tiro desportivo a um público mais alargado que estejam a ser pensadas?

EP - O tiro desportivo conta em Portugal com cerca de 12000 praticantes, distribuídos pelas duas federações que o tutelam. Não é uma modalidade de massas e dificilmente o será. Mas tem potencial para crescer e o CPTPP pretende ser um ator ativo nesse processo. E isto faz-se com a aposta na captação e formação de novos praticantes. Mas faz-se também com estrutura para os acolher e com uma oferta dinâmica dentro da modalidade. O Clube vive do trabalho voluntário da sua direção e dos seus associados que se disponibilizam para ajudar e participar nas atividades. E, portanto, o caminho que definimos e que gostaríamos de manter para o futuro é este: mais e melhores praticantes, mais e melhor Clube, mais e melhor estrutura. Os resultados, esses, surgem naturalmente quando conseguimos garantir estes três vetores. Portanto para os próximos anos o que desejamos é a consolidação do Clube, o crescimento na estrutura e no número de associados e o crescimento do nosso contributo para o enriquecimento do panorama do tiro desportivo.

CL - Se tivesse de explicar a alguém que nunca experimentou tiro desportivo porque vale a pena conhecer o CPTPP, o que lhe diria?

EP - Diria que experimentar o tiro desportivo no CPTPP é uma experiência de grande abertura e partilha de conhecimento e da paixão que temos pelo tiro. Penso que é isso que nos distingue, essa noção do tiro como algo que é e deve ser divertido, como uma prática que faz bem à mente e também ao corpo, que nos faz crescer e nos torna mais responsáveis, conscientes e focados. Sem a obrigação de ser forçosamente um campeão, mas com o potencial para ser o que se quiser na prática da modalidade. É um Clube que acolhe e acolhe todos por igual, do campeão ao praticante mais lúdico. Portanto o que diria é que experimentem o tiro desportivo. E se assim o quiserem, vale a pena experimentá-lo connosco.



MUNICÍPIO DE SINTRA
ANÚNCIO

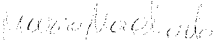
ALTERAÇÃO AO ALVARÁ DE LOTEAMENTO N.º 39 / 1972

Maria de Jesus Machado, Diretora do Departamento de Gestão do Território da Câmara Municipal de Sintra, por subdelegação de competências (Despacho n.º 01-DM-PGT/2026, de 06 de abril), torna público que se encontra a tramitar nesta Câmara Municipal (Departamento de Gestão do Território) uma alteração da licença da operação de loteamento com registo processo P2365/2026, para alteração ao Alvará de Loteamento n.º 39 / 1972, sito Praceta das Amoreiras, n.º13, fração A, sub - cave direita, em Rinchoa, União de Freguesias Rio de Mouro, nos termos, do disposto no artigo 27.º conjugado com o 22.º do Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de dezembro, com as alterações vigentes, ao abrigo, do disposto na alínea e) do n.º 1 do art.º 112.º do CPA e artigo 13.º do Regulamento Municipal de Urbanização e Edificação de Sintra (Aviso n.º 15347/2025/2 publicado em Diário da República, 2.ª série, N.º 117, 20 de junho de 2025), pelo que, se procede à abertura do período de discussão pública e notificação dos proprietários dos lotes constantes do referido alvará de loteamento, para que todos os interessados se possam pronunciar, no prazo de 30 (trinta) dias, contados a partir do dia seguinte à publicação do presente aviso no Diário da República. Na falta de resposta, no prazo referido, considerar-se-á que nada têm a opor à alteração da licença da operação de loteamento.

Os interessados poderão consultar a alteração da licença da operação de loteamento, informação técnica elaborada pelos serviços municipais, assim como, os pareceres, autorizações ou aprovações emitidos pelas entidades exteriores ao município, documentos que fazem parte integrante do processo de loteamento, no sítio de Internet da Câmara Municipal de Sintra (www.cm-sintra.pt) e no Departamento de Gestão do Território, Divisão de Licenciamento de Operações de Loteamento, sito na Praça Dom Afonso Henriques, na Portela de Sintra, após a publicação em Diário da República, podendo ser elaboradas sugestões, observações e reclamações em requerimento dirigido ao Presidente da Câmara Municipal de Sintra, a remeter ao Departamento de Atendimento e Desenvolvimento Organizacional ou através do endereço eletrónico: municipio@cm-sintra.pt.

Sintra, 11 de Setembro de 2026

A Diretora do Departamento de Gestão do Território


Maria de Jesus Machado



COM OS SINTRENSES, SEMPRE

CL-Setembro-2026



AVISO

Marco Almeida, Presidente da Câmara Municipal de Sintra, torna público, ao abrigo do disposto na alínea t), do n.º 1, do artigo 35.º da Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro, na sua redação atual, que estabelece o Regime Jurídico das Autarquias Locais, que a Câmara Municipal de Sintra, na reunião pública de 23 de junho de 2026, de acordo com a Proposta n.º 701-P/2026, aprovou, nos termos previstos no n.º 2, do artigo 147.º, do Regime Jurídico dos Instrumentos de Gestão Territorial, publicado pelo Decreto-Lei n.º 80/2015, de 14 de maio, na sua redação atual, a delimitação da Unidade de Execução de Albarraque Sul, bem como dar conhecimento da deliberação à Assembleia Municipal de Sintra.

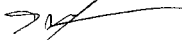
A aprovação da delimitação desta unidade de execução foi antecedida de um período de discussão pública, que decorreu de 31 de março até 28 de abril de 2026, cujas participações foram devidamente ponderadas no âmbito do relatório de ponderação da discussão pública.

Os elementos que constituem a unidade de execução e o respetivo relatório de ponderação encontram-se disponíveis para consulta nesta Câmara Municipal, na Divisão de Planeamento Territorial, sita na Praça D. Afonso Henriques, 2710-520 Portela de Sintra, todos os dias úteis das 9:00h às 12:30 e das 14:00 às 17:30h e no sítio da internet do município em cm-sintra.pt.

A presente publicação ocorre ainda através da publicação de Aviso na II Série do Diário da República e da afixação do Edital N.º 648/2026, nos locais de estilo.

Paços do Município de Sintra, 11 de Setembro de 2026.

O PRESIDENTE DA CÂMARA


(Marco Almeida)



CL-Setembro-2026



AVISO

Marco Almeida, Presidente da Câmara Municipal de Sintra, torna público, ao abrigo do disposto na alínea t), do n.º 1, do artigo 35.º da Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro, na sua redação atual, que estabelece o Regime Jurídico das Autarquias Locais, que a Câmara Municipal de Sintra, na reunião pública de 23 de junho de 2026, de acordo com a Proposta n.º 700-P/2026, aprovou, nos termos previstos no n.º 2, do artigo 147.º, do Regime Jurídico dos Instrumentos de Gestão Territorial, publicado pelo Decreto-Lei n.º 80/2015, de 14 de maio, na sua redação atual, a delimitação da Unidade de Execução do Parque de Ciência e Tecnologia Norte, bem como dar conhecimento da deliberação à Assembleia Municipal de Sintra.

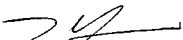
A aprovação da delimitação desta unidade de execução foi antecedida de um período de discussão pública, que decorreu de 31 de março até 28 de abril de 2026, não tendo sido registadas participações, conforme atesta o relatório de ponderação da discussão pública.

Os elementos que constituem a unidade de execução e o respetivo relatório de ponderação encontram-se disponíveis para consulta nesta Câmara Municipal, na Divisão de Planeamento Territorial, sita na Praça D. Afonso Henriques, 2710-520 Portela de Sintra, todos os dias úteis das 9:00h às 12:30 e das 14:00 às 17:30h e no sítio da internet do município em cm-sintra.pt.

A presente publicação ocorre ainda através da publicação de Aviso na II Série do Diário da República e da afixação do Edital N.º 649/2026, nos locais de estilo.

Paços do Município de Sintra, 12 de Setembro de 2026.

O PRESIDENTE DA CÂMARA


(Marco Almeida)



CL-Setembro-2026

MUNICÍPIO DE SINTRA
ANÚNCIO

ALTERAÇÃO AO ALVARÁ DE LOTEAMENTO N.º 39 / 1972

Maria de Jesus Machado, Diretora do Departamento de Gestão do Território da Câmara Municipal de Sintra, por subdelegação de competências (Despacho n.º 01-DM-PGT/2026, de 06 de abril), torna público que se encontra a tramitar nesta Câmara Municipal (Departamento de Gestão do Território) uma alteração da licença da operação de loteamento com registo processo P2146/2026, para alteração ao Alvará de Loteamento n.º 39 / 1972, sito Rua das Malvas, n.º 4, fração B, sub - cave esquerda com armazém na cave, em Rinchoa, União de Freguesias Rio de Mouro, nos termos, do disposto no artigo 27.º conjugado com o 22.º do Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de dezembro, com as alterações vigentes, ao abrigo, do disposto na alínea e) do n.º 1 do art.º 112.º do CPA e artigo 13.º do Regulamento Municipal de Urbanização e Edificação de Sintra (Aviso n.º 15347/2025/2 publicado em Diário da República, 2.ª série, N.º 117, 20 de junho de 2025), pelo que, se procede à abertura do período de discussão pública e notificação dos proprietários dos lotes constantes do referido alvará de loteamento, para que todos os interessados se possam pronunciar, no prazo de 30 (trinta) dias, contados a partir do dia seguinte à publicação do presente aviso no Diário da República. Na falta de resposta, no prazo referido, considerar-se-á que nada têm a opor à alteração da licença da operação de loteamento.

Os interessados poderão consultar a alteração da licença da operação de loteamento, informação técnica elaborada pelos serviços municipais, assim como, os pareceres, autorizações ou aprovações emitidos pelas entidades exteriores ao município, documentos que fazem parte integrante do processo de loteamento, no sítio de Internet da Câmara Municipal de Sintra (www.cm-sintra.pt) e no Departamento de Gestão do Território, Divisão de Licenciamento de Operações de Loteamento, sito na Praça Dom Afonso Henriques, na Portela de Sintra, após a publicação em Diário da República, podendo ser elaboradas sugestões, observações e reclamações em requerimento dirigido ao Presidente da Câmara Municipal de Sintra, a remeter ao Departamento de Atendimento e Desenvolvimento Organizacional ou através do endereço eletrónico: municipio@cm-sintra.pt.

Sintra, 13 de Setembro de 2026

A Diretora do Departamento de Gestão do Território


Maria de Jesus Machado



COM OS SINTRENSES, SEMPRE

CL-Setembro-2026

"Não é todos os dias que temos uma campeã do Mundo"

- Hugo Correia

Portugal tem fenómenos que é justo realçar. Um pequeno clube, quase centenário, resiliente por natureza, com uma direcção aguerrida, teima avançar com um projecto e, praticamente sem apoios, descobre, forma e desenvolve talentos jovens capazes de conquistarem títulos mundiais. Sem que os meios de comunicação tradicionais divulguem essas conquistas, que não estão abrangidas pela cobertura mediática concedida ao maior fenómeno desportivo de todos os tempos: o Futebol. Chutos e pontapés à parte, o tema principal desta entrevista é a Patinagem Artística. Em 2012, foi a modalidade escolhida pela direcção da Sociedade Recreativa da Várzea de Sintra (SRVS) para implementar um projecto ganhador, que nos últimos anos produziu duas bicampeãs mundiais. Feitos que mereceram as já habituais notas de rodapé dadas aos feitos alcançados pelos atletas que praticam outro tipo de actividades que não envolvam correr atrás de uma bola. Mas que implicam, ainda assim, muito esforço, suor e lágrimas... de alegria.

Rita Azinheira, de 17 anos (campeã europeia e campeã mundial de Patinagem Artística Livre em juniores), e Matilde Antunes, de 16 anos (bicampeã da Taça do Mundo de Patinagem Artística Livre na categoria de Cadetes), merecem o reconhecimento devido pelos feitos alcançados fora de portas, nos ringues internacionais que consagram as estrelas da modalidade que praticam desde tenra idade, até chegarem ao nível de excelência que hoje apresentam. Sempre com a presença e apoio incondicional das respectivas famílias e com o acompanhamento dos treinadores e do clube que lhes serve de segunda casa.

O jornal 'O Correio da Linha' falou com Hugo Ricardo Correia, presidente do clube sintrense, quase centenário (foi criado em 1933), para tentar descobrir a razão dos êxitos alcançados pelas suas orgulhosas patinadoras. Além dos feitos registados, atestados na vitrina dos troféus cuidadosamente coleccionados, ficamos também a par das principais dificuldades que a SRVS enfrenta, os desejos que alimentam os seus dirigentes e o que ambicionam para o futuro do clube, que festejou recentemente o

seu 93.º aniversário e conta com uma nova presidência desde Fevereiro deste ano.

UM PROJECTO PARA FORMAR CAMPEÕES

Jornal 'O Correio da Linha' (CL) - Quantos atletas é que a SRVS tem?

Hugo Correia (HC) - Temos 96 atletas na Patinagem. Não há muito tempo, já tivemos 127. Nas restantes actividades, temos mais 50 atletas.

CL - A Patinagem é a espinha dorsal da vossa actividade. Como é que surgiu essa tendência?

HC - A Patinagem começou aqui em 2012, quando eu entrei para o clube. Não existia antes. Teve origem num grupo de pais que tinham os filhos num outro clube em Sintra que não dispunha de um ringue de patinagem. Como tal, foram à procura de um espaço que vieram encontrar aqui, e que estava completamente abandonado. Esses pais avançaram com a criação de uma direcção e um clube de patinagem. Apesar de se praticarem aqui outras actividades, estamos mais vocacionados para a Patinagem, é esse o nosso foco central.

CL - Quais foram as principais vitórias alcançadas pelas atletas do clube na Patinagem Artística, em Portugal e no estrangeiro?

RH - A nível colectivo, somos tricampeões distritais de Lisboa e vice-campeões nacionais. Nos dois últimos anos, ficámos também em segundo lugar na Taça de Portugal.

A nível individual e internacional, o melhor prémio foi conseguido por Rita Azinheira, que venceu o Campeonato Mundial de Patinagem Artística na categoria de Juniores em 2025. Não é todos os dias que temos um campeão do Mundo. Esta atleta já tinha sido, também, campeã da Europa no mesmo ano.

Agora, vem aí na calha a Matilde Antunes, que se sagrou este ano bicampeã da Taça do Mundo de Patinagem Artística Livre na categoria de Cadetes, e que para o ano já será atleta júnior. Se Deus quiser, deverá ser também campeã da Europa nesta categoria.

E atrás da Matilde, já surgem outras atletas, como a Carolina Barroca (cam-



peã da Taça da Europa em iniciados), atrás da qual já vem a Francisca Seco (medalha de bronze na Taça da Europa em infantis).

CL - Para uma modalidade iniciada no clube em 2012 são conquistas meritórias. Na sua opinião, qual a razão destes êxitos?

HC - Iniciei o meu mandato em Fevereiro passado. Antes, já tinha sido vice-presidente. Os últimos seis anos foram de muito trabalho, sendo que a anterior presidente e tesoureira realizaram um trabalho espectacular. Foram elas que conseguiram colocar um novo chão de madeira no pavilhão, que antes era só em cimento, e que realizaram obras e conseguiram as escrituras necessárias. Devemos valorizar as pessoas que fizeram este trabalho por amor à camisola, que eu também tenho. A minha filha patinou aqui desde 2012 a 2018 e conseguiu competir internacionalmente.

"ALGUMA COISA ESTAMOS A FAZER BEM"

CL - O que significa para a SRVS a conquista da Matilde Antunes na Taça do Mundo?

HC - Representa muito. Esta conquista da Matilde é uma conquista individual, mas é, também, o resultado do trabalho realizado pela nossa direcção e pelos nossos treinadores. A equipa técnica está formada, temos uma boa equipa técnica. E isto quer dizer que alguma coisa estamos a fazer bem e que estamos a trabalhar todos no sentido de conseguir levar o clube para a frente e alcançar grandes feitos. Mas não são só as conquistas da Rita Azinheira e da Matilde Antunes, o nosso principal foco são os pequeninos, é a formação e iniciação, quantos mais atletas conseguirmos abranger nessas áreas melhor. Claro que os êxitos obtidos são muito importantes para nós, porque ajudam na divulgação, são as melhores campanhas publicitárias que podemos ter, que nos dão visibilidade para chegar aos mais pequeninos e ter mais atletas na iniciação.

CL - Quem são os treinadores da Matilde Antunes?

HC - Os treinadores da Matilde são o Sebastião Oliveira, que considero um dos melhores treinadores do País, e a Andreia Martinho. Antes de vires comigo para a SRVS, estavam na



Amadora, na Associação Académica de Patinagem de Portugal Rollersky.

CL - Cada um dos vossos atletas internacionais tem treinadores específicos ou estes dois funcionam para todos?

HC - O Sebastião Oliveira é o nosso coordenador técnico, o treinador principal, que depois também está delegado à competição. Nas provas internacionais é sempre ele o nosso representante, ou então na companhia da Andreia Martinho.

CL - Portanto, são eles os criadores das atletas campeãs?

HC - Nos últimos anos, trabalhei com o treinador Sebastião Oliveira na Associação Académica de Patinagem de Portugal Rollersky, antes de virmos para a Várzea de Sintra, após passarmos também por um clube de Almargem do Bispo.

Há cerca de quatro anos, criámos um projecto desportivo que propusemos à direcção da SRVS. Acabámos por construir uma equipa e iniciar o caminho que nos trouxe até aqui. Logo ao fim do primeiro ano, já começámos a obter alguns resultados interessantes.

Acabei por ficar no clube como vice-presidente. No início deste ano, fui eleito presidente. Temos muita iniciação, temos muitas pequeninas com vontade de praticar esta modalidade. Agora, estamos a trabalhar no projecto ao nível dos apoios, também queremos colocar um telhado novo no pavilhão, fazer melhoramentos nas infraestruturas.

Ficha Técnica 38 anos a informar

Medalha de Mérito Municipal Grau Prata
concedida pela CM Oeiras em 2014



JORNAL MENSAL DE ATUALIDADE

Sede do Editor/Redação e Publicidade: Rua Prof. Mota Pinto, Loja 4
2780-275 Oeiras • Tlm. 91 326 35 67 (Rede Móvel Nacional)

www.ocorreiodalinha.pt • geral@ocorreiodalinha.pt

facebook.com/correiodalinha

Diretor: Paulo Pimenta **Editor Chefe:** Alexandre Gonçalves, **Redação:** Pedro Quaresma, Luís Curado, Raquel Luís, Carlos Leite (historiador) **Marketing e Publicidade:** Sofia Antunes **Fotografias:** Paulo Rodrigues, David Pimenta e Diogo Pimenta **Paginação:** Pedro David **Impressão e acabamento:** MX3 - Artes Gráficas - Alto da Bela Vista - Pavilhão 50 (Sulim Park) 2735-197 Cacém - Tel.: 21 917 10 88 **Gerência:** Alice Domingues /Paulo Pimenta com mais de 5% **Propriedade/Editor:** Vaga Litoral Publicações e Edições, Lda. - Matr. N.º 12018 - Cons. Reg. Com. Oeiras - **Capital social:** 5 000 € - N. C. 504285092 - **Depósito Legal** N.º 27706/89 **Registo na ERC** N.º 114185. **Tiragem do mês:** 10.000 exemplares **Preço de Assinatura anual** - 12 edições: 13 euros

O Estatuto Editorial encontra-se na página da Internet



CL - Quantos treinadores é que têm na Patinagem?

HC - Neste momento, estamos com nove treinadores: sete oficiais mais duas monitoras. Temos dois treinadores para a competição, o Sebastião Oliveira e a Andreia Martinho. Depois temos o Guilherme Sousa e a Carolina Talhadas, que são os treinadores de Dança. Seguem-se a Maria Varanda, a Inês Costa e a Sara Godinho, que são treinadoras de iniciação e de formação. E contamos ainda com mais duas atletas internacionais que ainda não têm curso de treinador, a Carolina Pereira e a Carolina Garcia, que trabalham mais com a iniciação e com um grupo de potenciais seguidores dos actuais campeões, que estão a ser talhados para lhes sucederem.

CL - É possível um jovem vir ao clube

experimental a Patinagem, para saber se gosta?

HC - É possível, sim. E acontece.

CL - O que é preciso fazer?

HC - Temos no nosso site uma ligação directa. O interessado acede à nossa página na Internet (<https://srvs.pt>), preenche um formulário que disponibilizamos e nós entramos em contacto para a criança poder vir experimentar rapidamente. Também podem contactar connosco através do telefone (962 146 566 / 965 135 025).

CL - O clube tem material disponível para emprestar de forma a facilitar essa experiência?

HC - Sim, temos cerca de 30 pares de patins com todos os números necessários. O que acontece é que não estamos a aceitar atletas a partir de uma certa idade, porque esta modalidade acaba



no máximo aos 25/26 anos. Portanto, quanto mais cedo começarem melhor.

CL - O clube aproxima-se do seu primeiro centenário. Festejou recentemente o 93.º aniversário. Como gostava que o centenário fosse festejado?

HC - Muito sinceramente, ainda não pensei muito nisso, mas terá de ser uma coisa em grande. Até lá, queria melhorar as instalações, porque o projecto está feito e tem tudo para andar. Temos treinadores bons, temos atletas melhores ainda, as crianças saem daqui felizes e a ideia é continuar como está. Acho que o projecto está bem feito,

acredito nele. Agora, o que falta é melhorar a infraestrutura, poderemos renovar o pavilhão e os espaços de que dispomos.

AMIANTO NO TELHADO

CL - O que falta fazer no pavilhão?

HC - Primeiro de tudo, legalizá-lo, que é o que estamos a tratar este ano. O sr. presidente da Câmara Municipal de Sintra (CMS), Marco Almeida, lançou um projecto para facilitar o licenciamento dos equipamentos desportivos do concelho e nós entrámos no concurso. A ideia é licenciar o pavilhão desportivo para podermos usá-lo sem restrições, porque isto não tem licenças. Isso é a coisa mais importante. Por exemplo, o Instituto Português do Desporto e Juventude tem apoios económicos muito interessantes, aos quais não podemos concorrer por não termos as instalações legalizadas.

Depois, também temos amianto no telhado, pelo que é preciso substituir a cobertura. Temos crianças ali a praticar desporto todos os dias...

CL - Mas isso não está dependente da legalização...

HC - Para conseguirmos obter a legalização temos de fazer obras e essas obras dependem do apoio da Câmara, do projecto que o doutor Marco Almeida lançou, que reuniu uma equipa para poder fazer a avaliação dos clubes e ver o que é preciso. No nosso caso, é preciso mudar o telhado, que é a obra principal, e metermos portas de

"SENTI UMA GRANDE EMOÇÃO"

Aos 16 anos, Matilde Antunes sagrou-se bicampeã da Taça do Mundo de Patinagem Artística Livre na categoria de Cadetes. Um triunfo que abre excelentes perspectivas para o futuro. No próximo ano, a atleta da Sociedade Recreativa da Várzea de Sintra ascende ao escalão júnior e a conquista dos títulos europeu e mundial são um desafio em que promete estar empenhada.

Jornal 'O Correio da Linha' (CL) - O que sentiu ao vencer a Taça do Mundo de Patinagem Artística? O que significou para si?

Matilde Antunes (MA) - Eu já tinha conquistado este título em 2025. Revalidá-lo foi uma grande emoção, foi a recompensa por todos estes anos de trabalho.

CL - Foi uma grande responsabilidade

ter vencido a primeira vez e voltar a conquistar este troféu? Foi mais difícil esta segunda vez? Ou a primeira?

MA - Acho que cada prova tem as suas dificuldades próprias e os seus benefícios. Portanto, não posso dizer que uma tenha sido mais difícil do que a outra.

CL - Com que idade começou a praticar Patinagem Artística?

MA - Com três anos.

CL - Quantas horas treina por semana?

MA - Treino umas seis horas por dia, seis dias por semana. Ou seja, cerca de 36 horas semanais.

CL - Com toda esta dedicação à modalidade, como é que encaixa depois os estudos, os hobbies, os amigos e tudo o resto que gosta de fazer?

MA - Dá para conjugar tudo quando gostamos do que fazemos. É uma questão de prioridade.

CL - Tinha alguém na família que já praticasse Patinagem Artística?

MA - A minha irmã, Rebeca Antunes (nadadora de competição do Benfica com vários pódios e títulos nacionais conquistados), também praticava Patinagem Artística quando era mais pequena. Eu comeci a praticar depois dela.

CL - Os seus pais também estiveram ligados ao Desporto?

MA - Sim, é verdade. A minha mãe, Susana Neves, foi nadadora de competição no Benfica e campeã nacional de triatlo. E o meu pai também praticou Desporto.

CL - Qual é o seu prin-

cipal objectivo na Patinagem Artística? Qual a prova que ainda sonha ganhar?

MA - Eu acho que todas as provas são importantes. O meu objectivo é conquistar o máximo de provas a nível mundial.

CL - Gostava que a Patinagem Artística viesse a integrar as modalidades olímpicas? Vir a representar Portugal nos Jogos Olímpicos?

MA - Seria extraordinário se isso acontecesse. Seria algo muito bom. Eu acho que a Patinagem Artística tem tudo para ser um desporto olímpico. E claro que gostava de representar Portugal nessa prova.

CL - Como é que vê o seu futuro na Patinagem Artística?

MA - Ambiciono revalidar os meus títulos e melhorar as classificações ao



longo dos anos, ser a melhor atleta.

CL - Qual é a sua área de estudos?

MA - Estou no 10.º ano, vou agora para o 11.º ano. Estou na área de Ciências e Tecnologias.

CL - Um desejo profissional?

MA - Se calhar, seguir Medicina.

CL - O que é que é mais difícil na Patinagem Artística?

MA - Eu acho que nada é difícil quando se gosta daquilo que se faz. Acima de tudo, temos de ter consistência no nosso trabalho, em tudo o que nós fazemos.

CL - Quais são as figuras de estilo que mais gosta de executar?

MA - Gosto muito de saltos, de fazer triplos. É uma sensação diferente, é bom.

CL - Quem viaja consigo nas provas internacionais?

MA - A família viaja sempre comigo. Além disso, sou acompanhada por uma equipa técnica, pelo menos um dos meus treinadores. Nunca vou sozinha, porque todo o trabalho, todo o esquema, é tudo feito em equipa.





emergência. Como temos seis portas de acesso ao pavilhão, não há-de ser por aí que vamos ter problemas. Também queríamos renovar a iluminação do pavilhão e pintar a fachada de um dos lados, mas falta verba para podermos avançar com estas obras.

CL - Quantos sócios tem a SRVS?

HC - Temos cerca de 700 sócios inscritos. O problema é que, desses, só pagam quotas cerca de 200. No caso dos atletas que temos, pelo menos um dos pais tem de ser sócio pagante.

A nossa equipa directiva começou a trabalhar em Fevereiro e temos vindo a organizar tudo: o site, os projectos entregues na Câmara e na Junta de Freguesia... as coisas têm vindo a ser feitas aos bocadinhos. Somos poucos, só sete, nem todos temos disponibilidade e não podemos exigir mais.

CL - Qual é o valor da quota?

HC - O valor da quota é de 12 euros anuais, ou seja, um euro por mês.

CL - Além das quotas pagas pelos sócios, com que outros apoios contam para poderem desenvolver as vossas actividades?

HC - Contamos com os apoios do associativismo, que são cerca de 3.000 euros por ano por parte da Câmara e 500 euros da União das Freguesias de Sintra (UFSintra). Para além disso, quando organizamos eventos para angariação de fundos, a UFSintra tem ajudado com mais alguma coisa, por exemplo, quando organizámos a primeira parte do Campeonato Distrital de Patinagem

Livre, no passado mês de Maio. Sempre que organizamos mais qualquer coisa, contamos com o apoio da UFSintra.

CL - Em termos de patrocínios, contam com apoios de empresas da região, ou outras?

HC - De momento, ainda não. Estamos a trabalhar nisso, faz parte do nosso projecto. Queremos também vender publicidade anual (fixa e não-fixa) a empresas interessadas, por exemplo, disponibilizar espaços nas fachadas do nosso pavilhão. Estamos a preparar vários pacotes, com diversos tamanhos de anúncios.

"NÃO HÁ BONS ATLETAS SEM UM BOM ACOMPANHAMENTO FAMILIAR"

CL - O êxito dos vossos atletas estende-se a outras modalidades, ou está tudo mais concentrado na Patinagem?

HC - É tudo na Patinagem.

CL - O papel dos pais tem sido importante para os resultados obtidos pelos atletas?

HC - Não é só a vontade do atleta, há muita coisa à sua volta, que envolve também os pais. Não há bons atletas sem um bom acompanhamento familiar. De outra forma é impossível.

CL - Qual é o investimento que é preciso fazer para um jovem poder praticar Patinagem Artística?

HC - O preço dos patins varia muito. Na fase de iniciação, em novos podem custar 150 euros no mínimo, mas tam-

bém se conseguem comprar usados melhores e mais baratos. E depois vai até aos chamados 'Ferraris' da competição, que podem chegar aos 3.000 euros.

No que toca à roupa para treinar, podem usar umas 't-shirts', umas calças de treino ou umas 'leggings' que tenham lá por casa. Mais tarde, quando chega a altura de realizarem os testes de desempenho (iniciação/formação) têm de ter o fato completo do clube, que custa cerca de 100 euros. Isto é o básico.

Os fatos para praticar a modalidade podem variar de acordo com o que se pretende. Consegue-se comprar um fato por 60/70 euros e depois há os fatos especiais, mais vistosos, que algumas campeãs usam nas competições internacionais, que podem ascender aos 300 euros.

CL - Em média, por semana, quantas horas é que os atletas treinam na Patinagem?

HC - Na fase de iniciação,



por semana, têm três treinos de 45 minutos cada. Mais 15 minutos de aquecimento antes e alongamentos no final. Temos espaços especiais para isso.

Mais tarde, quando chegam à fase da alta competição, os atletas já fazem treinos bidirários. Fazem quatro horas diárias de treino, a que se somam mais umas quantas horas no ginásio, com aquecimento e preparação física.

Agora, temos um ginásio novo, foi a primeira obra desta gestão, que implicou um investimento de cerca de dois mil euros.

CL - Quem é que custeia as deslocações dos atletas para poderem participar nas competições internacionais?

HC - No caso dos atletas, recai tudo sobre os pais. Em alguns casos, com uma ajuda do clube, mais nas competições nacionais. Não recebemos nada nesse sentido da Câmara Municipal ou da Junta de Freguesia. Dizem-nos que são as federações que têm de estar encarregues pelos clubes, sendo que estas dizem que têm de ser os pais a arcar com as despesas. Neste momento, estamos a conseguir fazer, já aos bocadinhos, a comparticipação total das despesas dos treinadores nas provas nacionais. Porque, além de terem de pagar as despesas dos atletas, as famílias ainda têm de assumir as despesas dos treinadores que os acompanham nas competições internacionais. Em todos os clubes funciona assim.

Agora, o que estamos a tentar fazer é angariar dinheiro com a realização de festas e outros eventos para que, pelo menos, a despesa dos treinadores possa ser toda paga por nós, para assim conseguirmos aliviar os pais dos atletas de parte dos custos, para não ser tão duro para eles. Esse é um dos nossos projectos, ajudar a reduzir a despesa dos pais, que já pagam a mensalidade, têm de suportar os custos dos patins, fatos, todas as deslocações e mais o resto que é preciso. Isto limita muito o surgimento de novos atletas de nível internacional.

"VONTADE DE LEVAR ISTO PARA A FRENTE"

CL - Não é fácil...

HC - É mais uma casmurrice, vontade de levar isto para a frente. As vitórias de que eu gosto mais é poder ver as atletas que têm passado por aqui seguirem as suas vidas com sucesso, estão todas na faculdade. É isso que me move. Ajudar a formar pessoas mais alegres, resilientes e concretizadas, com objectivos.

CL - O que é preciso fazer para formar um campeão de Patinagem? Quais as condições necessárias para isso?

HC - Da nossa parte, é acompanhar

os atletas o máximo que conseguimos, dar disponibilidade de ringue e criar as condições necessárias para eles atingirem os objectivos. No fundo, é dar ferramentas aos atletas e aos treinadores para poderem trabalhar bem e serem mais produtivos.

CL - A SRVS tem alguma parceria com as escolas da região?

HC - Esse é outro projecto que estamos a preparar. Queremos encontrar outro espaço para podermos ter aulas de iniciação em mais dias da semana, eventualmente numa escola. Temos o desejo de fazer a Patinagem chegar a mais jovens, a famílias menos abastadas. É um dos nossos objectivos, poder chegar a uma escola e qualquer menina que tenha o sonho de fazer patinagem poder fazê-lo.

Já chegámos a ter aqui actividades extracurriculares. Quando acabava o ano lectivo, as escolas tinham Actividades de Enriquecimento Curricular e colónias de férias. Havia um dia em que os alunos vinham para aqui todos patinar. Chamávamos algumas atletas mais velhas para os ajudar. Foi assim que angariámos várias atletas aqui da zona, que entraram através desses programas. É uma das coisas que queremos voltar a fazer.

CL - A captação de novos atletas passa essencialmente pelas redes sociais?

HC - Sim, temos o Facebook e o Instagram, que está mais activo.

CL - Projectos para o futuro?

HC - Isso passa basicamente por licenciar o pavilhão desportivo, adquirir o estatuto de utilidade pública, que é muito importante, e efectuar melhorias nas infraestruturas.

Pretendemos, também, conseguir dar uma maior comparticipação financeira para ajudar a suportar as despesas realizadas pelas famílias das atletas, porque elas trabalham muito, trabalham em nome do clube, trabalham em nome do País... e o País não lhes dá aquilo que elas merecem, mas nós vamos conseguir dar. Vamos trabalhar para isso.

CL - Ainda não têm o estatuto de utilidade pública?

HC - Ainda não temos e isso só virá quando tivermos a legalização do pavilhão, que é a base de tudo para podermos partir para outros níveis.

CL - Gostava que a Patinagem Sobre Rodas alcançasse o estatuto de modalidade olímpica?

HC - Alcançar o estatuto de modalidade olímpica é quase um sonho da Patinagem Sobre Rodas. Acho que é a coisa mais importante que podia acontecer. As regras da modalidade foram criadas para esse objectivo. É um caminho, um processo que estamos a percorrer. Ainda nem sequer fomos convidados. Por exemplo, o Skate e o Surf já foram convidados e entraram para a lista das modalidades olímpicas. O Hóquei em Patins também já foi convidado, mas nós continuamos à espera...

CL - A Patinagem Sobre Rodas é considerada por muitos como uma espécie de parente pobre da Patinagem no Gelo. O que pensa disto?

HC - É visto assim, sim. As próprias televisões fazem isso, transmitem o Campeonato Mundial de Patinagem no Gelo, onde não temos tradição, e depois, no Campeonato do Mundo de Patinagem Artística, onde temos portugueses e temos objectivos, não transmitem em canal aberto. Se nós tivéssemos Patinagem no Gelo, eu compreendia, mas o que temos é tão fraquinho, que não percebo. Eu acho isso um bocadinho triste.

Texto: Luís Curado
Fotos: Clube e Jorge Rodrigues



**“Não vou
conseguir
ser gestor
hospitalar”**



MAIS INFO

Vais, sim!

Em Oeiras, tu És Tudo.



Candidata-te ao programa
de Bolsas de Estudo até 9 OUT

OEIRAS VALLEY
MUNICÍPIO OEIRAS

Joni Nuñez
Estudante de Gestão
na Universidade Atlântica
Bolseiro de Oeiras